

**AGRUPAMENTO VERTICAL
DE
ESCOLAS DE PAÇOS DE FERREIRA
2012/2013**



Ensinar e Aprender: um novo olhar pedagógico

2ª Fase:

Comunidades de Partilha: Orientação da Prática Letiva

Índice

1. Introdução	3
2. Referencial da Supervisão Pedagógica	4
3. Caracterização do Agrupamento Vertical de Escolas de Paços de Ferreira	6
4. Apresentação e análise do questionário aos docentes do AVEPF 2012/2013	9
5. Implementação e monitorização da prática letiva	25
5.1. Grupos de trabalho	25
5.2. Objetivos	26
5.3. Plano de Ação – Proposta	26
6. Estratégias de Supervisão Pedagógica: princípios e operacionalização	28
6.1. Portefólio de Ensino e Dossier de Estudo	28
6.2. Orientação acompanhada da prática letiva	31
7. Considerações finais	32
8. Bibliografia	34
9. Legislação	35
10. Anexos	36
Anexo 1 - Questionário aos docentes do AVEPF	36
Anexo 2 - Modelo de Plano de Aula	45
Anexo 3 - Grelha de observação focada: conteúdo da aula	46
Anexo 4 - Grelha de observação focada: dinamização da aula	47
Anexo 5 - Grelha de observação focada: ambiente de sala de aula	48
Anexo 6 - Guião de organização/reflexão de aulas com assessoria	49

1. Introdução

“Os professores não podem, de forma individual, repensar a sua prática e a cultura do seu local de trabalho; porém, quase tudo na escola é orientado para que se desenvolvam sozinhos profissionalmente. (...) Poucas escolas estão estruturadas para permitir que os membros pensem na resolução de problemas comuns ou em objetivos organizacionais mais amplos. Para alterar estes hábitos é necessário criar uma cultura colaborativa de aprendizagem e de resolução de problemas; a colaboração e o intercâmbio entre colegas devem ser valorizados como um recurso profissional.” (McLaughlin, 2003, pág. 21)

A elaboração deste segundo documento realça a apresentação de um Projeto a desenvolver no ano letivo 2013/2014, com o objetivo de construir a capacidade para a melhoria através de uma Comunidade de Aprendizagem Profissional que partilha de uma preocupação baseada em três dimensões: compromisso mútuo, organização conjunta e relatório partilhado.

Este processo ativo de partilha pretende fornecer recursos necessários e promover um compromisso para a melhoria, potenciando a inovação e o desenvolvimento organizacional através de formas de acompanhamento e supervisão da prática letiva, em todos os departamentos do Agrupamento. Mais do que implementar determinados programas, uma mudança sustentável depende das escolas construírem a sua “*capacidade interna para a aprendizagem*”. É a própria práxis do trabalho, pelo intercâmbio com os colegas, que adquire uma função qualitativa, formativa e de cariz não avaliativo dos docentes.

Em 2010 Richard Elmore escrevia: “*O sucesso das políticas educativas que apontam para uma melhoria do desempenho escolar, depende mais do conhecimento e habilidades das pessoas que trabalham na escola, do que da sabedoria dos responsáveis pela elaboração das políticas. Neste sentido, as políticas têm sucesso ou fracasso na medida em que desenvolvem as capacidades das escolas para controlar a sua prática pedagógica e construir uma organização coesa em torno de ideias sólidas relacionadas com a aprendizagem.*”

É portanto necessário questionarmo-nos sobre os resultados menos positivos, ou mesmo muito insuficientes dos nossos alunos. Este questionamento passa em primeiro lugar, pela relevância dos conteúdos curriculares e num segundo lugar, pelos modelos e estratégias de ensino/aprendizagem, praticados nos nossos estabelecimentos de ensino e nas nossas salas de aulas.

Como afirma António Bolívar (2010): “*Se a escola marca uma diferença na qualidade da educação oferecida, isso dependerá dos processos que adotar, dos métodos de trabalho, da ação em equipa e dos modos de exercício da direção.*”

2. Referencial da Supervisão Pedagógica

Nos últimos anos assiste-se a um profundo desenvolvimento do conceito de **supervisão pedagógica**, nomeadamente, ao nível da formação de professores e educadores, pressupondo uma melhoria na qualidade da formação e do ensino que praticam.

Segundo Alarcão e Tavares (2003), *“a **supervisão é um processo continuado, no âmbito de uma orientação profissional e que tem por objetivo o desenvolvimento humano e profissional**”*.

A palavra **supervisão**, no contexto da formação de professores, apareceu nos anos trinta e desenvolveu-se fortemente nos Estados Unidos da América a partir dos anos cinquenta, com o aparecimento da **supervisão clínica** que consiste em aperfeiçoar a prática do ensino, através do desenvolvimento de conhecimentos e competências interpessoais e técnicas do professor. Esta conceitualização de **supervisão** veio contrastar com o que a conotava com **inspeção, fiscalização, autoritarismo e dirigismo**. Atualmente, o termo tem vindo a clarificar-se e a adquirir maior importância.

Refletindo sobre as tendências da supervisão clínica afere-se, que a partir dos anos noventa, a supervisão se transformasse de um método mais formal e autoritário, para um método mais informal, interativo e relacional. Segundo esta visão a supervisão pedagógica enfatiza o trabalho de **cooperação em grupo**, apontando para um **desenvolvimento nas relações humanas de natureza democrática**.

Segundo Alarcão e Tavares (2003), *“a supervisão era uma designação que, na língua portuguesa, evocava (e ainda evoca) conotações de poder e de relacionamento socioprofissional contrárias aos valores de respeito pela pessoa humana e pelas suas capacidades auto formativas.”* Os mesmos autores aludem que até 1987 *“as funções da supervisão da prática pedagógica estavam limitadas ao acompanhamento dos estágios em formação inicial de professores.”* Foi na década de noventa, que esta área encontrou grande expansão e os portugueses *“foram-se aculturando à designação e distinguem hoje dois sentidos que a língua portuguesa atribui ao termo. Considera-se, por um lado, a função de fiscalização e superintendência (...). Mas reconhece-se, por outro, a ideia de acompanhamento do processo formativo.”*

Para Vieira (1993), a **supervisão no âmbito da formação de professores** consiste numa atuação de **monitorização sistemática da prática pedagógica**, sobretudo através de **procedimentos de reflexão** e de **experimentação**. A supervisão é analisada por esta autora, como uma **postura reflexiva**, um **processo de monitorização da prática**, não só a nível das suas **dimensões analítica e interpessoal**, que inclui aspetos como as regras e princípios que regulam a supervisão, os papéis do supervisor e do professor na relação de supervisão, os estilos e modelos de supervisão e a sua instrumentação, como também, da **observação como estratégia de formação**, que inclui aspetos relati-

vos às **finalidades, objetos e formas de observação da prática pedagógica**, e finalmente, de **didática** que refere o campo especializado de reflexão/experimentação incluindo **aspectos relativos ao processo ensino-aprendizagem em contexto escolar**.

Oliveira (1992) acrescenta que a **supervisão** deve criar “**um contexto educativo favorável ao desenvolvimento do professor, nomeadamente através de um clima de confiança e de apoio, mas simultaneamente confrontando os professores com situações de desafio, de dissonância cognitiva, potencializadoras do seu contínuo desenvolvimento.**” É, ainda de salientar, que o processo de supervisão não se encerra em si mesmo, mas aponta igualmente para a promoção de outro processo – o de **desenvolvimento e aprendizagem dos alunos** e fortalecer o carácter de abertura de todo o ato de supervisão, por parte dos atores intervenientes. Subtenda-se que a supervisão como apoio à formação integra variadas dimensões: **o currículo, o processo de ensino aprendizagem, a sala de aula, a escola, a comunidade e a cultura**. Assim, a *supervisão, pode definir-se como “um processo para promover processos, ou seja, como um método de apoio ao processo de aprendizagem dos professores, que, por sua vez, está ao serviço do processo de aprendizagem dos alunos.”* (Rita Durão, julho de 2010)

De acordo com Nolah & Hoover (2005) as **atividades/finalidades da supervisão pedagógica** e da **avaliação do desempenho docente são distintas**, conforme se pode constatar na tabela seguinte:

	SUPERVISÃO	AVALIAÇÃO
Finalidade principal	Promover o crescimento individual, para além do nível atual de desempenho.	Formular juízos de valor acerca da qualidade global da competência do professor.
Fundamentação	Reconhecimento da natureza complexa e multidimensional do ato de ensinar.	Direito legítimo do Estado de proteger as crianças do comportamento imoral, incompetente ou pouco profissional dos professores.
Âmbito	Restrito (um fator de cada vez).	Alargado (juízo globalizante).
Enfoque da recolha de dados	Individualizado, diferenciado, baseado em critérios individuais.	Baseado em critérios standardizados.
Valorização da competência profissional	Competência partilhada e mutuamente reconhecida.	Avaliador certificado pelo Estado/distrito/escola.
Relação professor-supervisor	Colegial, reciprocidade orgânica (respeito e confiança, partilha de objetivos, experiência, liderança).	Hierarquizada, com grau razoável de distância de modo a tornar a avaliação o mais justa e neutra possível.
Perspetiva do professor sobre o processo	Oportunidade para correr riscos e experimentar.	Desempenho máximo para mostrar ao avaliador.

3. Caracterização do Agrupamento Vertical de Escolas de Paços de Ferreira



Sede do Agrupamento: Escola Básica de Paços de Ferreira

MISSÃO do Agrupamento : *“Educar cidadãos para o sucesso, responsáveis e ativos no exercício da sua cidadania, envolvendo toda a comunidade”.*

O Agrupamento está inserido no Concelho de Paços de Ferreira, sendo distribuído por 16 freguesias, das quais quatro compõem o Agrupamento de Escolas de Paços de Ferreira – Paços de Ferreira, Penamaior, Meixomil e Ferreira. Apresenta uma densidade populacional de 740 habitantes/km².

Existem, neste momento, diversos setores da economia em desenvolvimento, nomeadamente, a indústria do mobiliário, da confeção e do vestuário.

A população economicamente ativa é maioritariamente jovem, caracterizada por um baixo nível de escolaridade.

O Agrupamento é composto atualmente por 177 professores: 151 são do quadro e 26 contratados. A esmagadora maioria do corpo docente é do sexo feminino com incidência nas idades compreendidas entre os 35 e os 50 anos.

A rede escolar ao nível do 1º Ciclo e Educação Pré-escolar é constituída por 6 escolas.

- Escola Básica de Paços de Ferreira

- 1015 alunos
- 96 docentes
- 30 não docentes



- Escola Básica de Penamaior

- 288 alunos
- 15 docentes
- 9 não docentes



- Escola Básica de Ferreira

- 155 alunos
- 7 docentes
- 5 não docentes



- Escola Básica de Gilde

- 100 alunos
- 5 docentes
- 3 assistentes operacionais



- Escola Básica de Meixomil

- 200 alunos
- 10 docentes
- 7 assistentes operacionais



- Escola Básica nº 1 de Paços de Ferreira

- 161 alunos
- 7 docentes
- 4 assistentes operacionais



- Escola Básica nº 2 de Paços de Ferreira

- 434 alunos
- 20 docentes
- 11 assistentes operacionais



Com um funcionamento em regime diurno, o Agrupamento ministra o 1º, 2º e 3º Ciclos, um Curso de Educação e Formação de Jovens (CEF) e um Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF).

O corpo docente é marcado pela estabilidade, uma vez que há um número reduzido de professores contratados.

A maior parte dos docentes tem uma experiência profissional entre 5 e 15 anos de serviço, havendo também um número considerável com uma experiência que se situa entre os 16 e 25 anos.

Segundo um inquérito levado a cabo para a elaboração do Projeto Educativo do Agrupamento (PE), os professores apostam na sua formação, mas investem pouco na formação Pós-graduada. Têm também um conhecimento bastante bom dos documentos estruturantes da vida do Agrupamento, sendo participantes de forma ativa na vida do mesmo.

Quanto aos alunos do Agrupamento, há uma grande heterogeneidade do ponto de vista das suas origens culturais e socioeconómicas. Existem alguns em regime de ensino itinerante e outros, de etnia cigana, a frequentar vários estabelecimentos e níveis de educação/ensino do Agrupamento.

O estatuto socioeconómico das famílias é um contributo extremamente importante para o sucesso dos alunos. A escolaridade dos pais/encarregados de educação dos alunos situa-se maioritariamente entre o 1º e o 2º ciclos, com um número muito reduzido a

ter concluído o ensino secundário e um número ainda menos significativo a ter concluído um curso de ensino superior. Isto pode ser sintomático a nível do percurso escolar escolhido, cursos de vertente profissional, sendo a opção dos alunos em questão¹.

4. Apresentação e análise do questionário aos docentes do AVEPF 2012/2013

A equipa estatuiu usar o inquérito de respostas abertas e fechadas (**anexo1**) como técnicas/instrumentos de recolha de dados entre os dias 14 e 30 de março de 2013.

Sabendo que o inquérito por questionário é uma técnica não documental de observação não participante composta por uma variedade de questões estruturadas, por escrito, relativas ao tema, a sua estrutura rígida e formal não foi casual, visto que o objetivo é uniformizar e normalizar a informação de modo a possibilitar a realização de um tratamento de abordagem quantitativa.

O preenchimento do questionário foi realizado de forma direta por cada inquirido, facilitando assim, a análise quantitativa dos dados, servindo como instrumento de apoio à fase diagnóstico, permitindo aferir do posicionamento de cada docente relativamente à essência da temática.

Pareceu-nos importante aplicar este inquérito como instrumento do diagnóstico, porque através dele conseguimos isolar dados acerca dos indicadores que comportam o tema central deste trabalho, não obstante, prevalece a consciência de que os espectros de indicadores estão condicionados pela personalidade do docente, que por sua vez são persuadidos pelos agentes organizacionais e sociopolíticos.

Construímos este inquérito *online*, como instrumento estatístico único de auto-resposta para o universo dos 177 docentes do Agrupamento Vertical de Escolas de Paços de Ferreira.

Na construção deste questionário existiu a preocupação de:

- garantir o anonimato;
- permitir que os docentes, ao emitirem a sua opinião, encontrassem enunciados favoráveis e desfavoráveis;
- formular perguntas abertas;
- formular perguntas fechadas;
- formular questões com neutralidade;
- tentar que o mesmo fosse de fácil preenchimento;
- garantir o aspeto opinativo do inquirido;

Seguidamente, apresentamos a distribuição das respostas deste questionário, em concordância com os objetivos e finalidades deste Projeto.

¹ Esta caracterização foi elaborada com base no Projeto Educativo do Agrupamento.

Ciclo de ensino

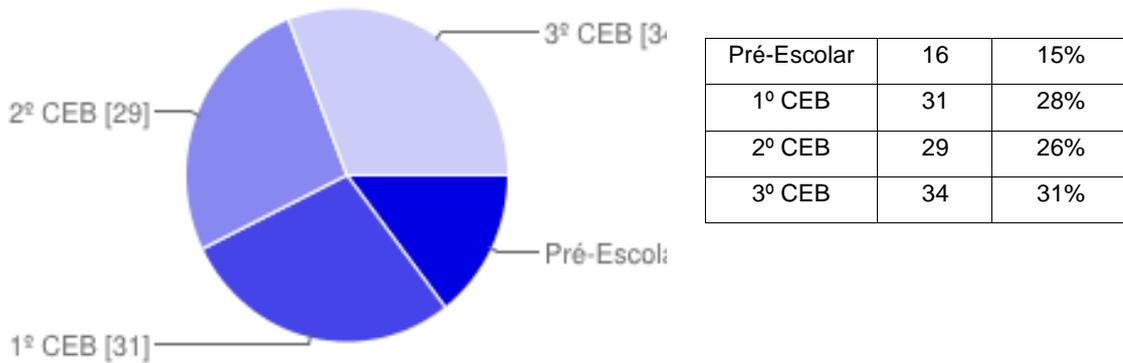


Fig. 1

Ano/anos que leciona

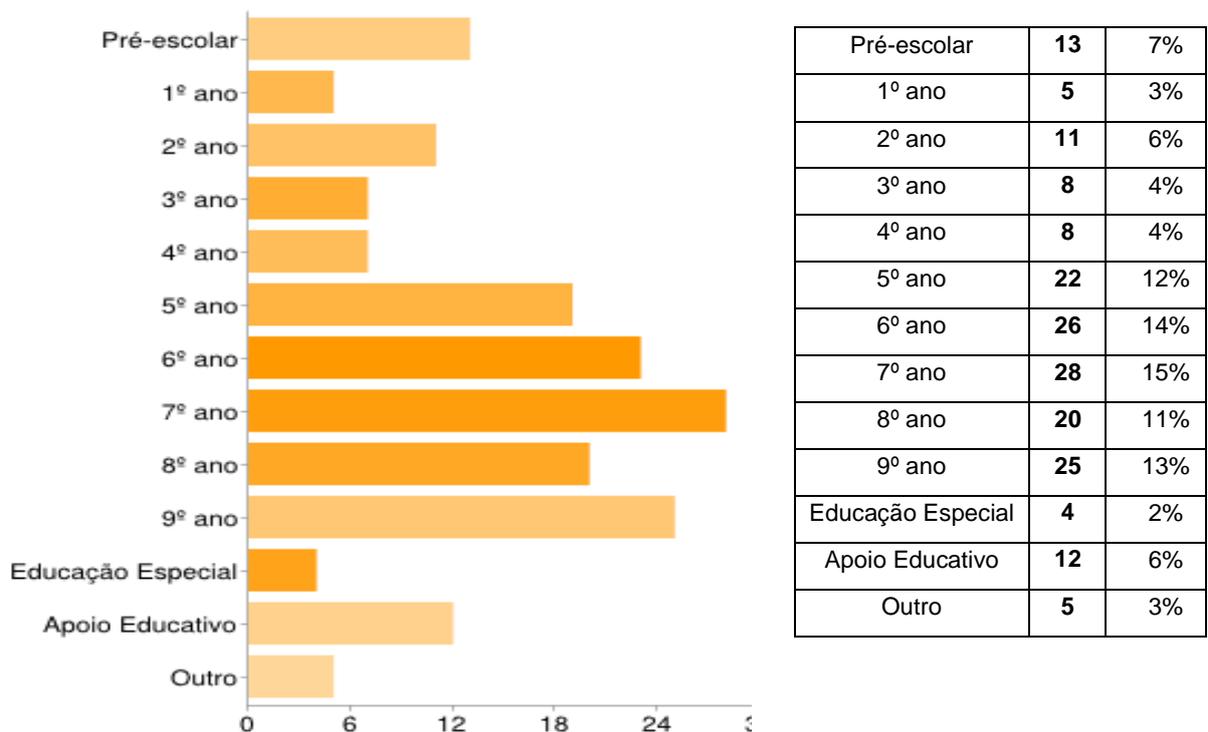


Fig. 2

Disciplina(s) que lecciona

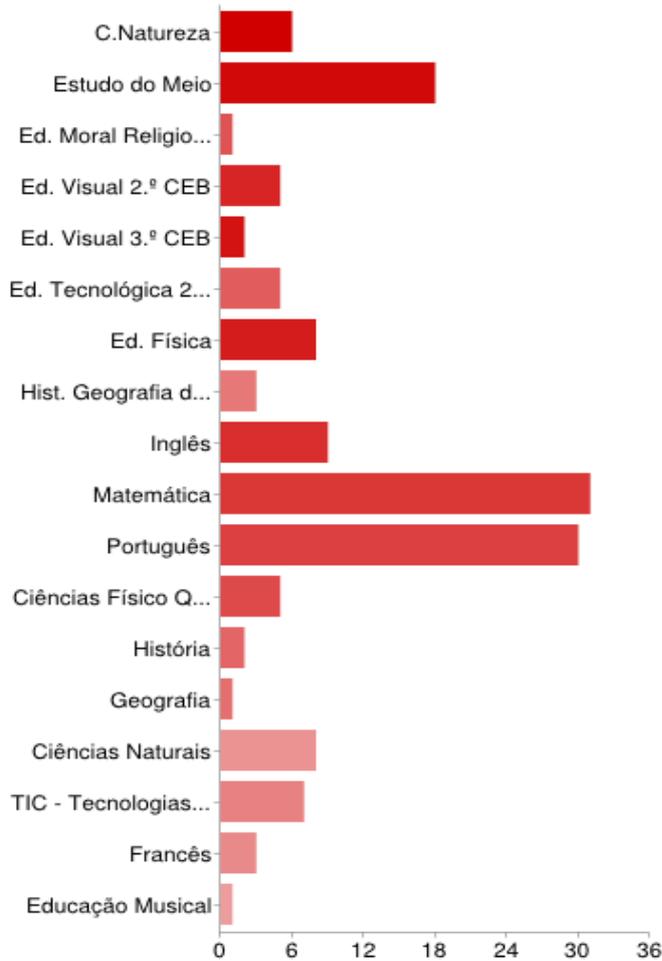


Fig. 3

C. Natureza	6	4%
Estudo do Meio	18	12%
Ed. Moral Religiosa Ca-tólica	1	1%
Ed. Visual 2.º CEB	5	3%
Ed. Visual 3.º CEB	2	1%
Ed. Tecnológica 2º CEB	5	3%
Ed. Física	8	6%
Hist. Geografia de Por-tugal	3	2%
Inglês	9	6%
Matemática	31	21%
Português	30	21%
Ciências Físico Quími-cas	5	3%
História	2	1%
Geografia	1	1%
Ciências Naturais	8	6%
TIC - Tecnologias de Informação e Comunica-ção	7	5%
Francês	3	2%
Educação Musical	1	1%

O que entende por Supervisão Pedagógica?

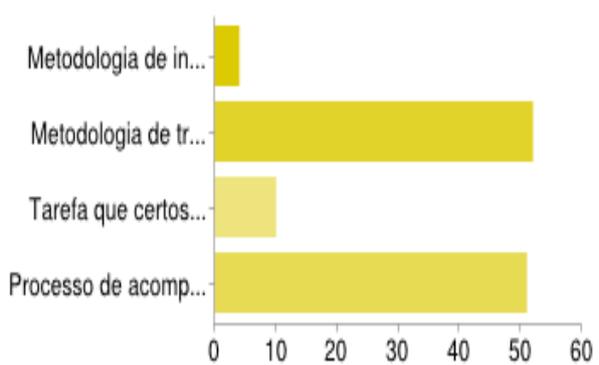


Fig. 4

<ul style="list-style-type: none"> • Metodologia de inspeção, em que os professores são vistos como "instrumentos" que devem ser supervisionados, para assegurar que cumprem determinados procedimentos, definidos pelo MEC e especialmente pelos supervisores. 	4
<ul style="list-style-type: none"> • Metodologia de trabalho cujo enfoque é ajudar os professores a desenvolverem processos de ensino através de abordagens interativas e cooperativas, cuja finalidade está associada ao melhoramento e eficácia do ensino. 	52
<ul style="list-style-type: none"> • Tarefa que certos profissionais mais experientes desempenham de: orientar, aconselhar e avaliar os professores na sala de aula, estimulando-os a aperfeiçoar a sua ação educativa. 	10
<ul style="list-style-type: none"> • Processo de acompanhamento e de avaliação sistemáticos da prática pedagógica dos docentes através de procedimentos que favorecem a experimentação e a reflexão, tendo em vista uma gradual competência pedagógica, assim como, o desenvolvimento profissional. 	51

Considera que uma partilha de práticas pedagógicas beneficia a aprendizagem na sala de aula?

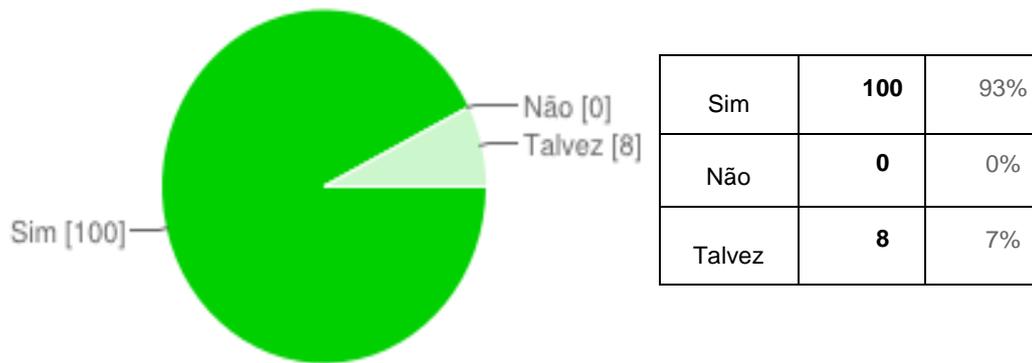


Fig. 5

Estaria interessado/a em participar num contexto reflexivo/formativo de partilha?

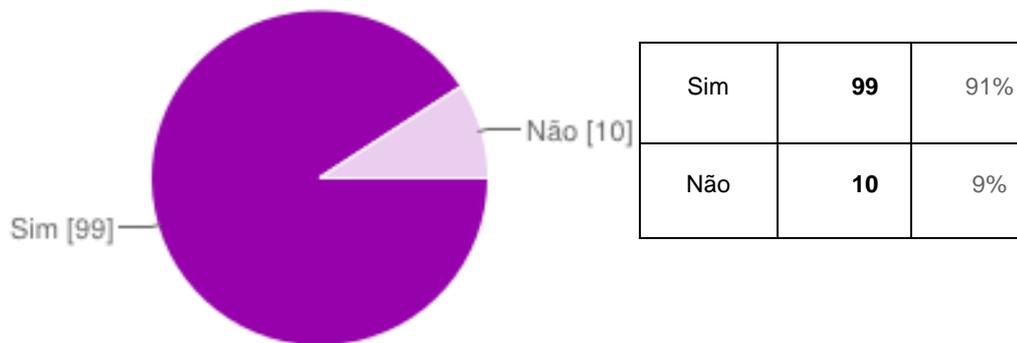


Fig. 6

Se respondeu não à questão anterior, selecione uma das opções.

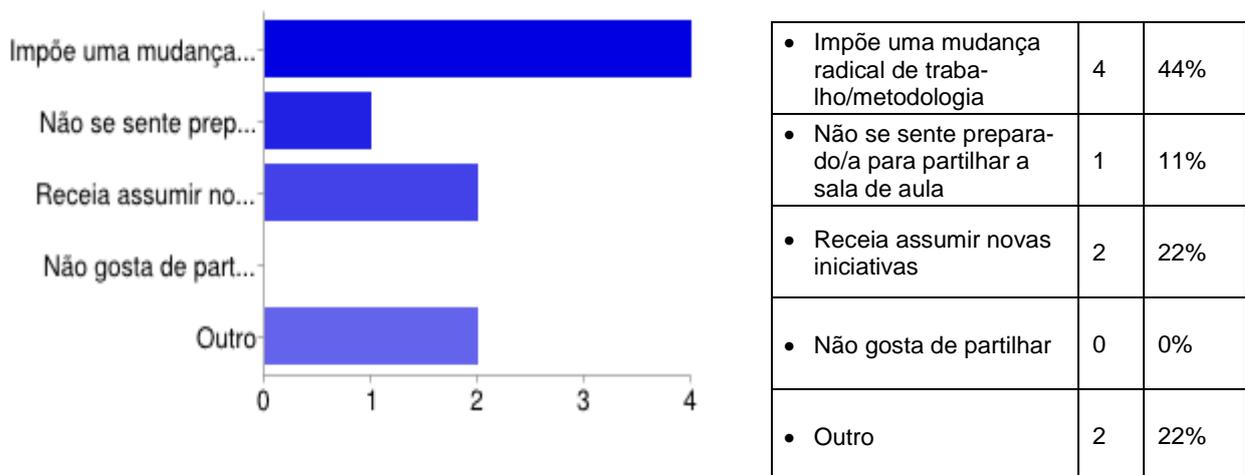


Fig. 7

Áreas de partilha que considera essenciais.

Pré-Escolar

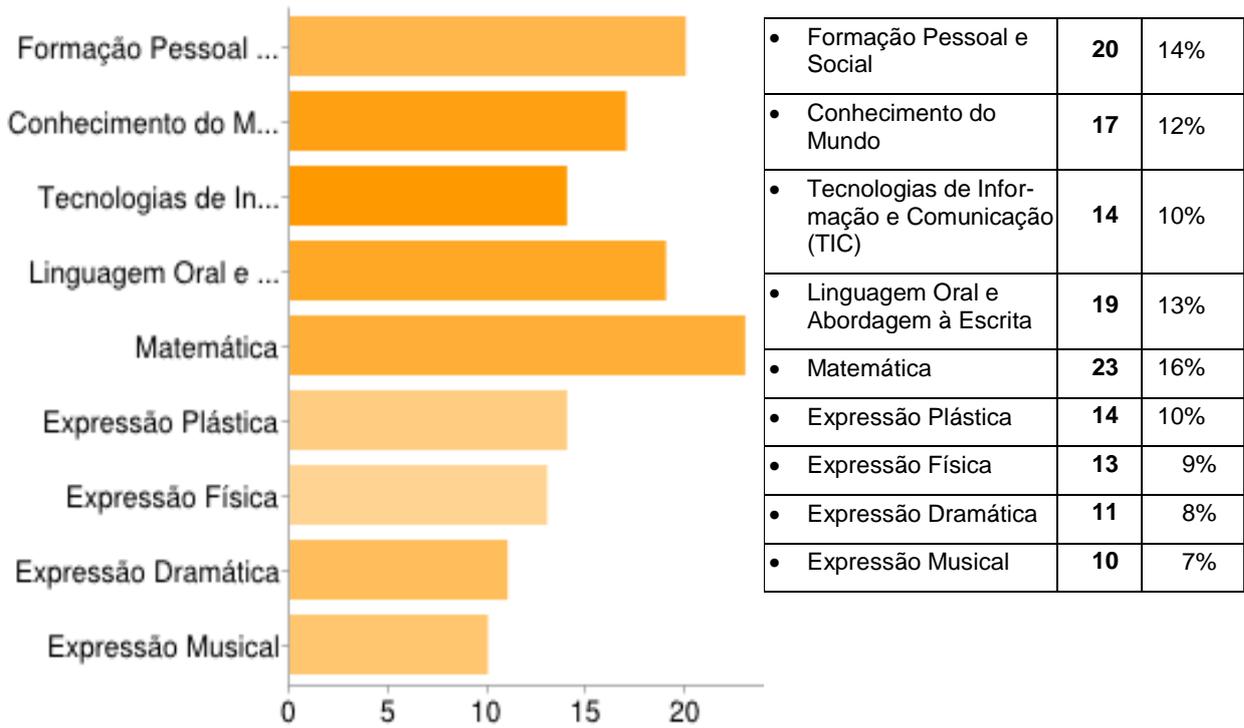


Fig. 8

1º CEB

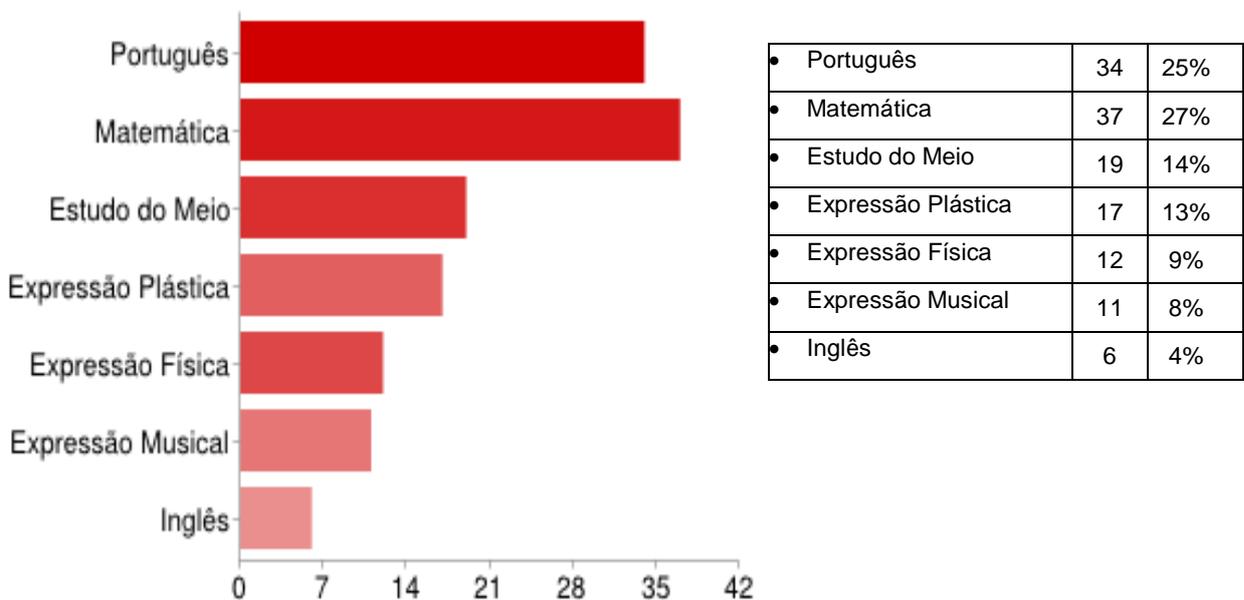


Fig. 9

2º CEB

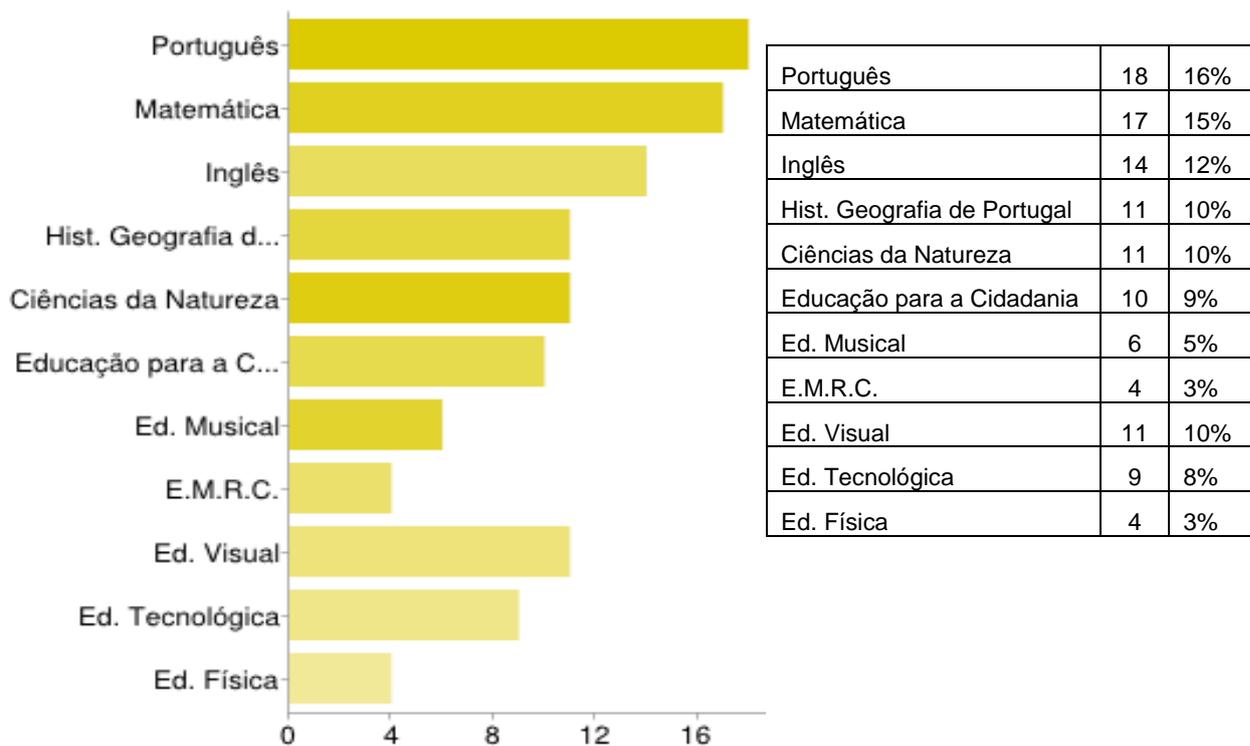


Fig. 10

3º CEB

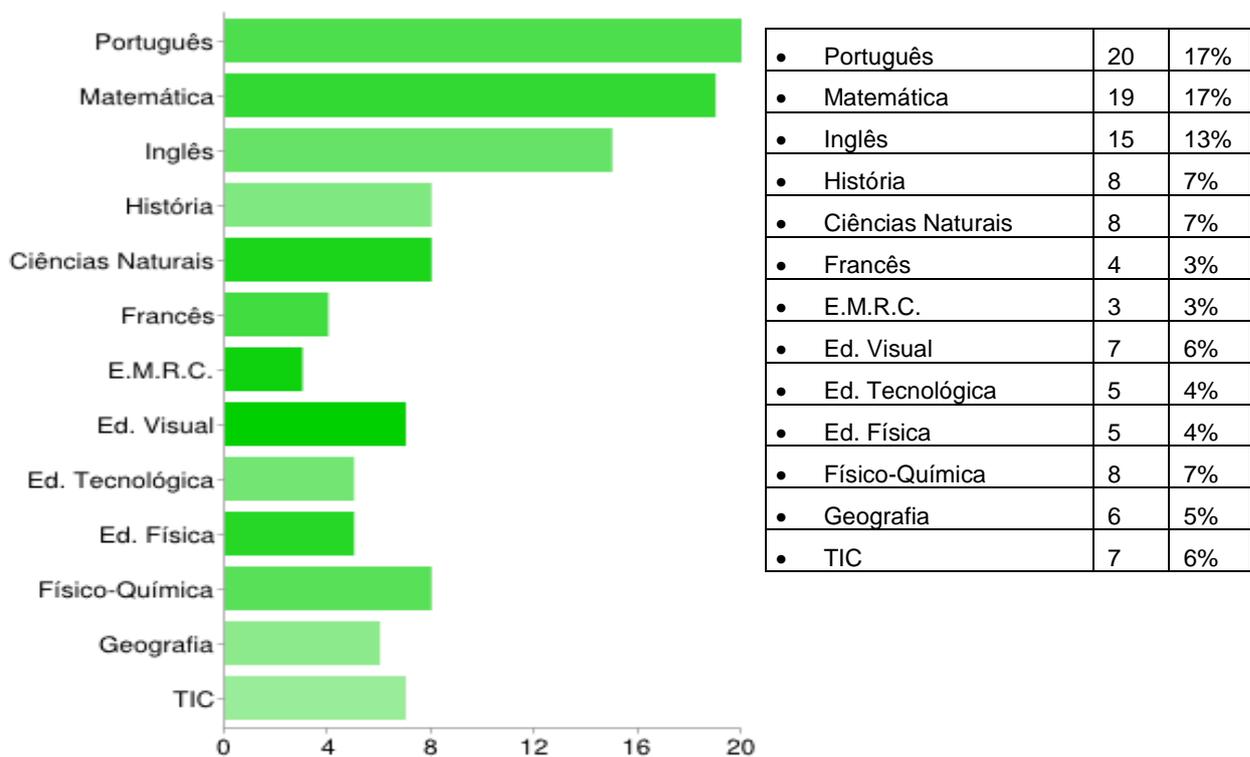


Fig. 11

Selecione a(s) temática(s)/conteúdo(s) que gostaria de melhorar através de uma parceria pedagógica.

Pré-Escolar

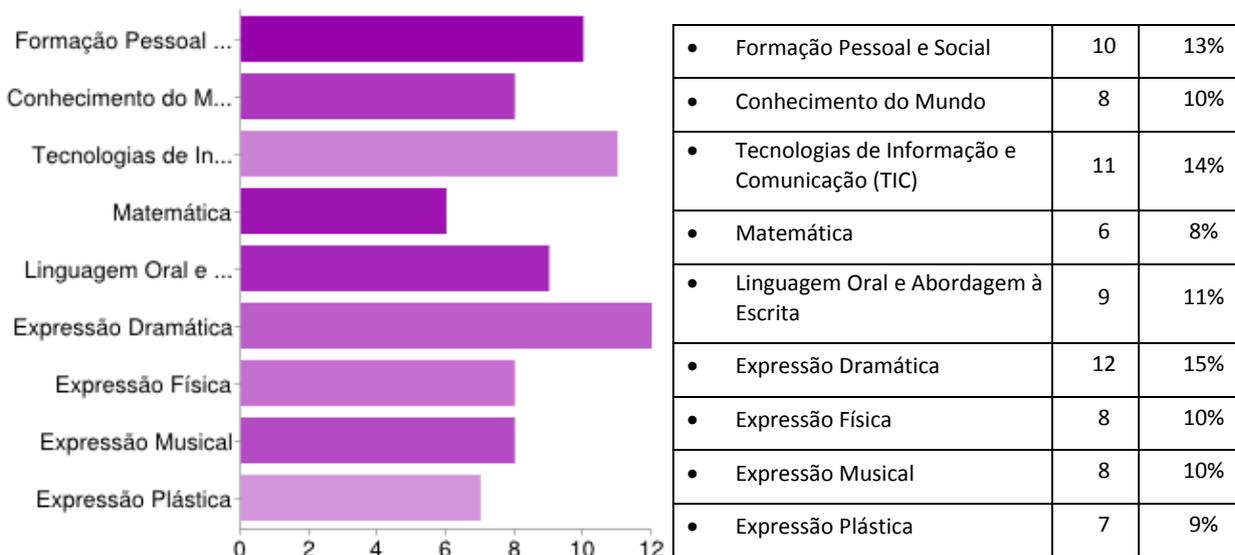


Fig. 12

1.º CEB (Português)

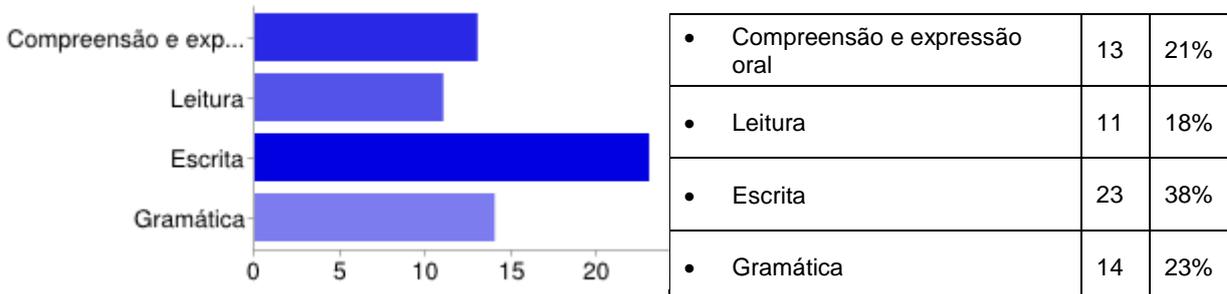


Fig. 13

1.º CEB (Matemática)

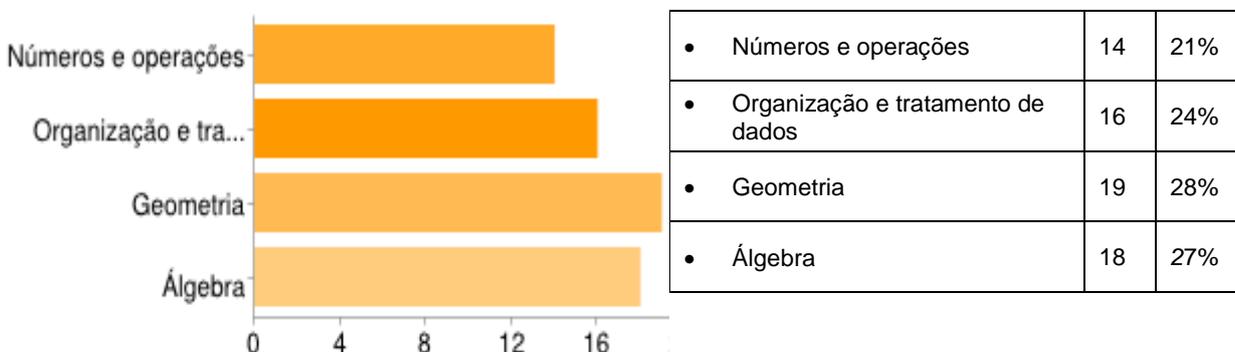


Fig. 14

1.º CEB (Estudo do Meio)

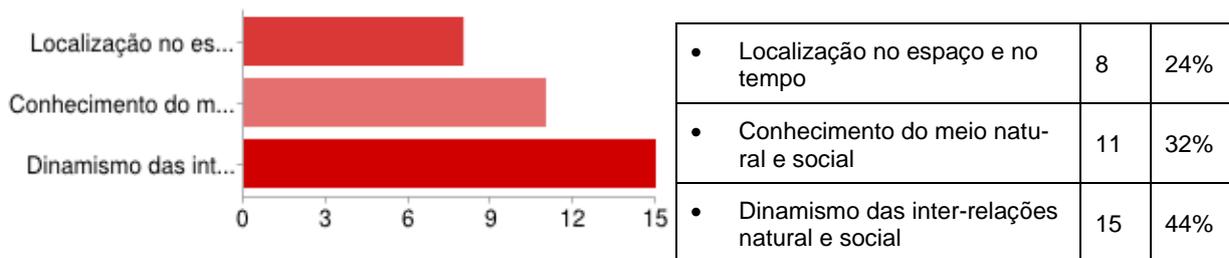


Fig. 15

1.º CEB (Expressões)

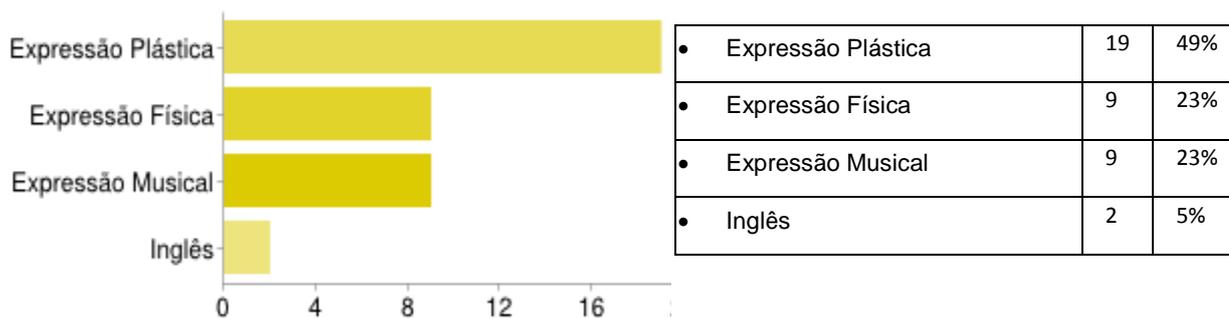


Fig. 16

2.º/3º CEB (Matemática)

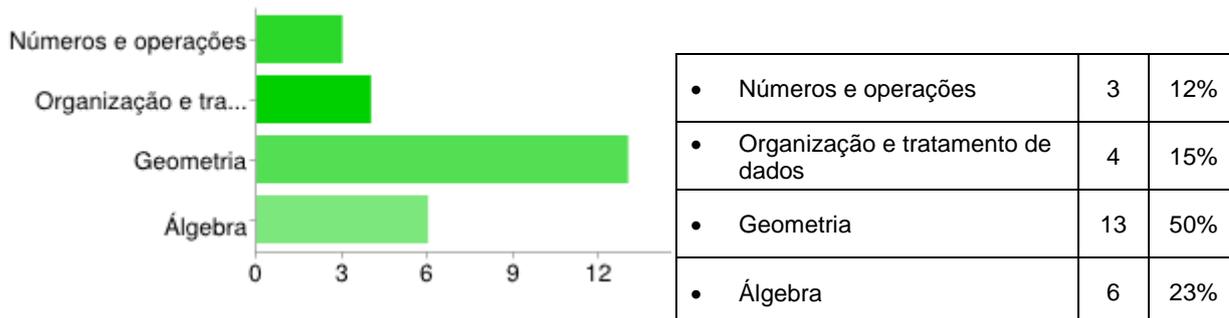


Fig. 17

2.º/3º CEB (Port. Franc. Inglês)

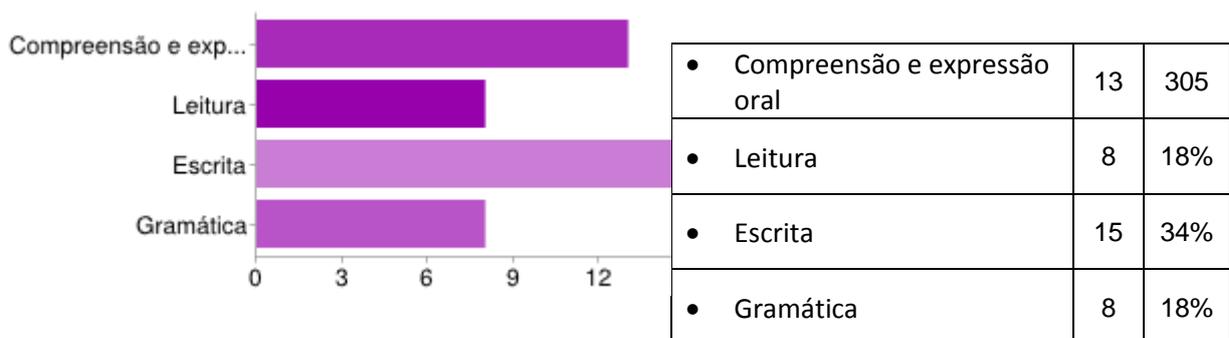
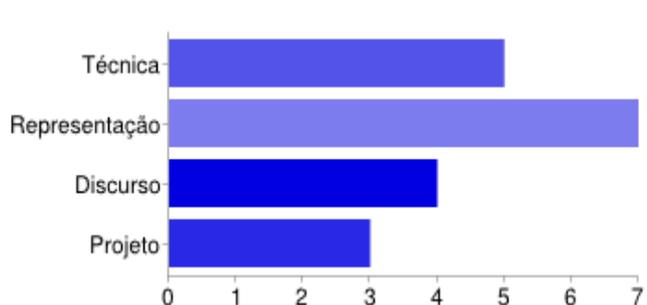


Fig. 18

2.º CEB (Ed. V. Ed. Tec.)



• Técnica	5	26%
• Representação	7	37%
• Discurso	4	21%
• Projeto	3	16%

Fig.19

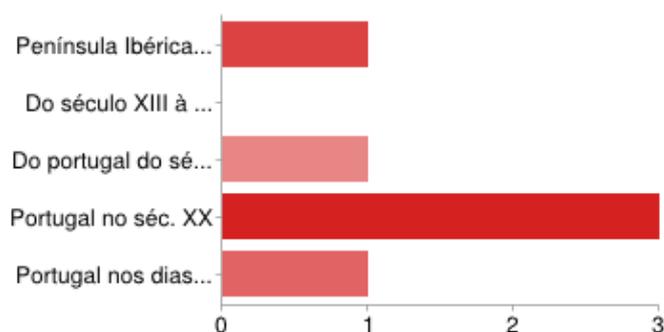
2.º CEB (Ciências Natureza)



• Onde existe vida	0	0%
• Diversidade de animais e sua interação com o meio	2	15%
• Diversidade de plantas e sua interação com o meio	3	23%
• Unidade na diversidade dos seres vivos	1	8%
• Materiais terrestres - Suportes de vida	1	8%
• Trocas nutricionais entre o organismo dos animais e o meio	1	8%
• Transporte de nutrientes e oxigénio até às células	1	8%
• Energia para a atividade celular	0	0%
• Trocas nutricionais entre as plantas e o meio	2	15%
• Agressões do meio e integridade do organismo	2	15%

Fig. 20

2.º CEB (Hist. Geog. Portugal)



• Península Ibérica - Dos primeiros povos à formação de Portugal (Séc. XII)	1	17%
• Do século XIII à união ibérica e restauração (Séc. XVII)	0	0%
• Do Portugal do séc. XVIII à consolidação da sociedade liberal	1	17%
• Portugal no séc. XX	3	50%
• Portugal nos dias de hoje: Sociedade e geografia humana	1	17%

Fig. 21

3.º CEB (História)

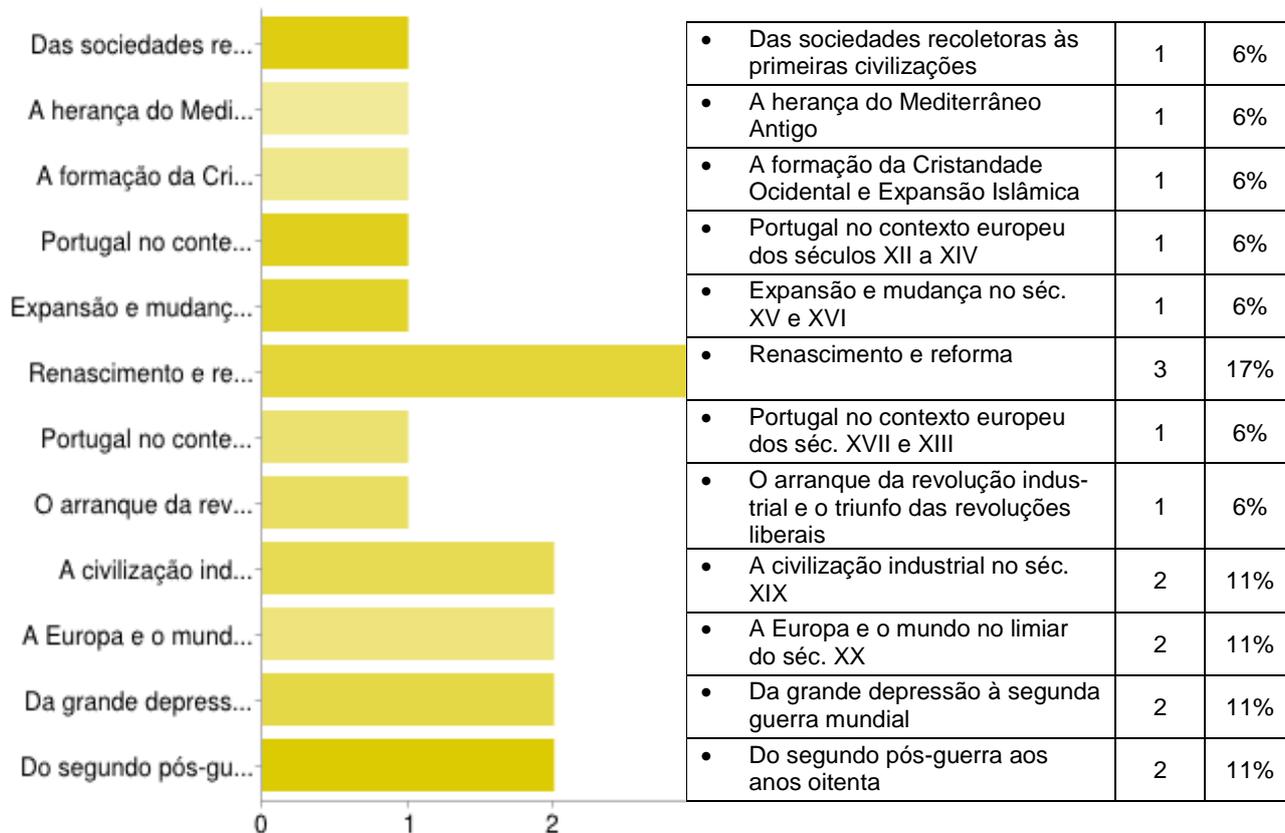


Fig. 22

3.º CEB (Geografia)

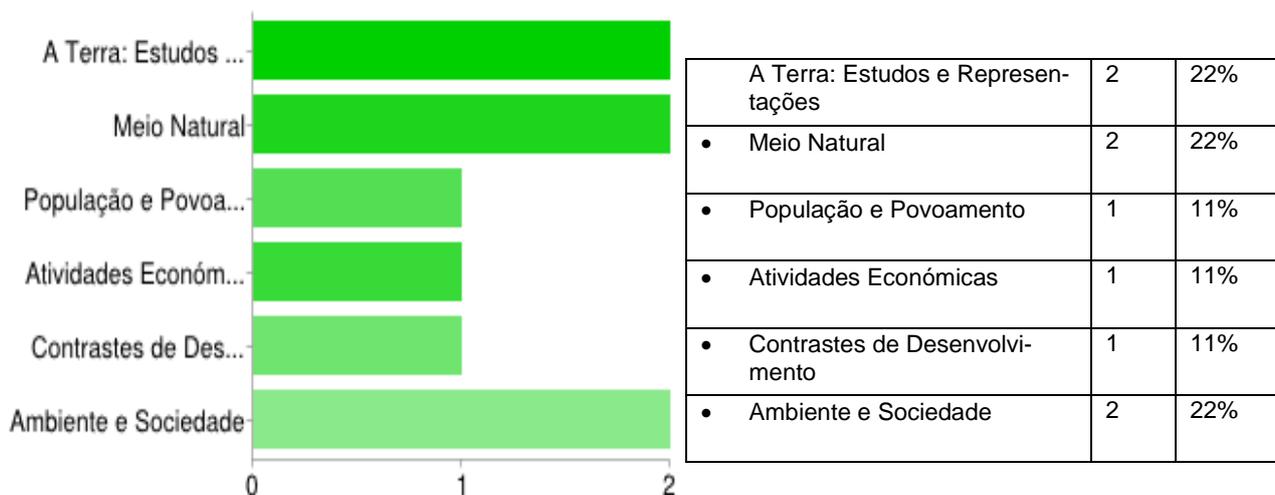


Fig. 23

3.º CEB (Ciências Naturais)

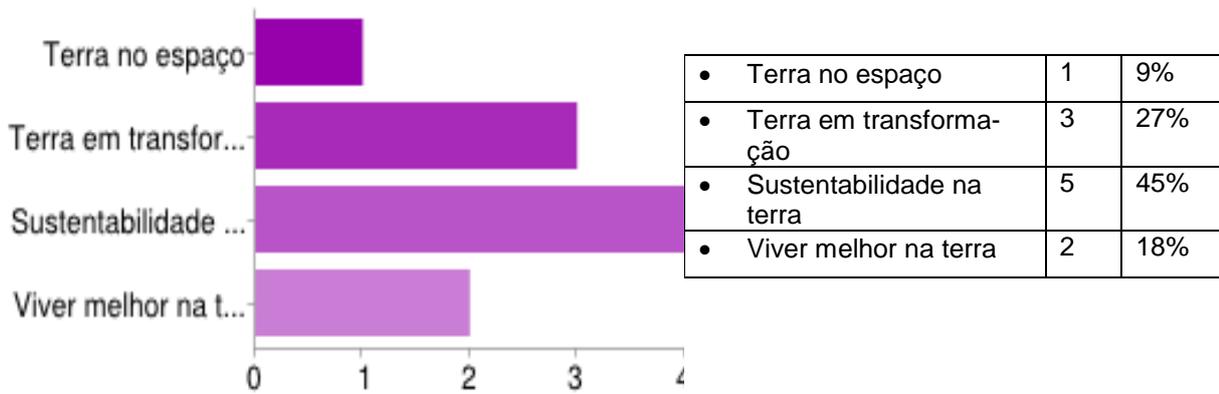


Fig. 24

3.º CEB (Fís. Química)

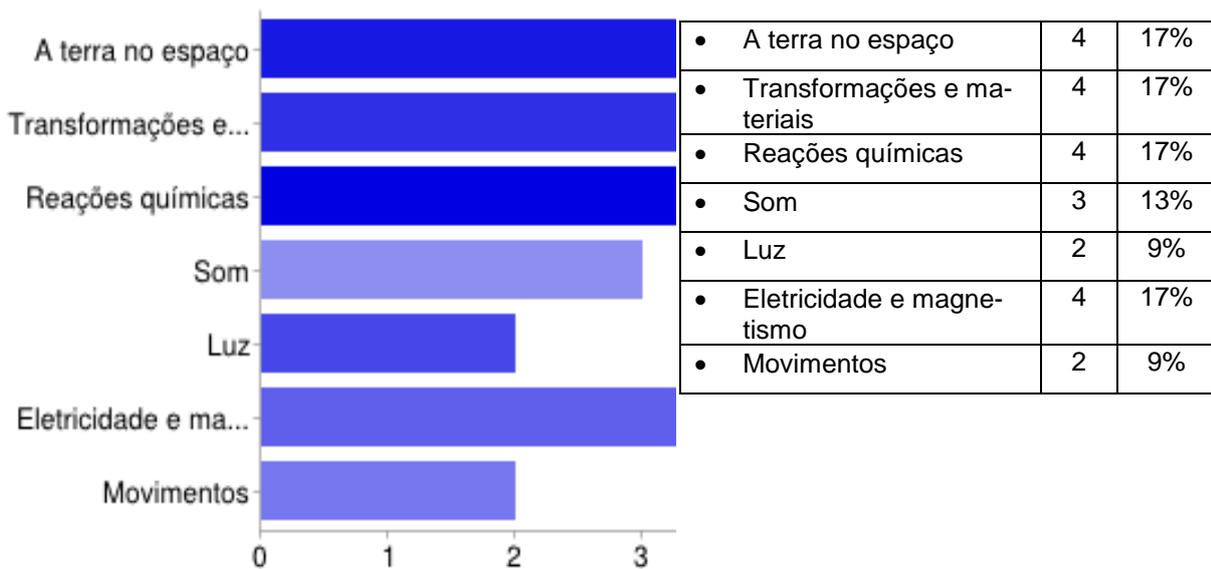


Fig. 25

2.º CEB (Educação Musical)

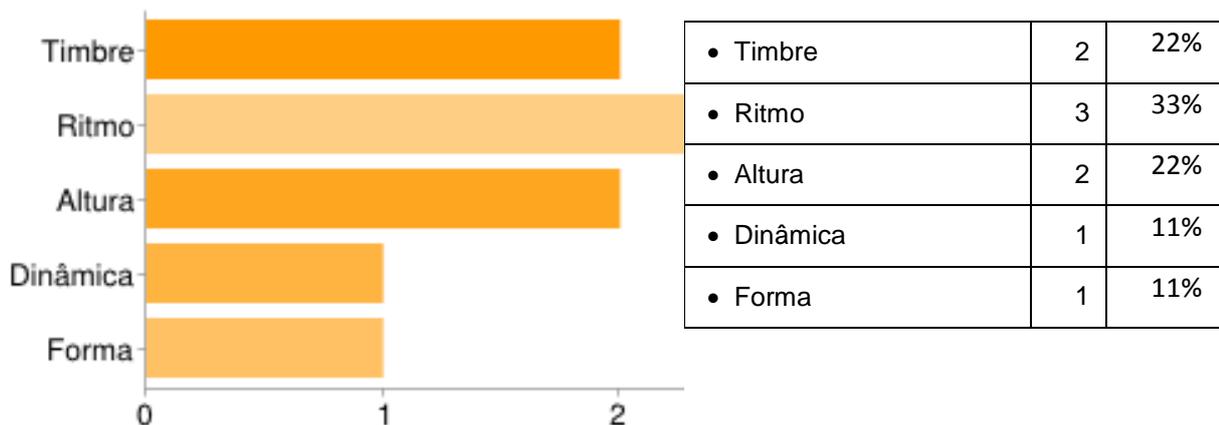


Fig. 26

2º./3º CEB (Ed. Física)

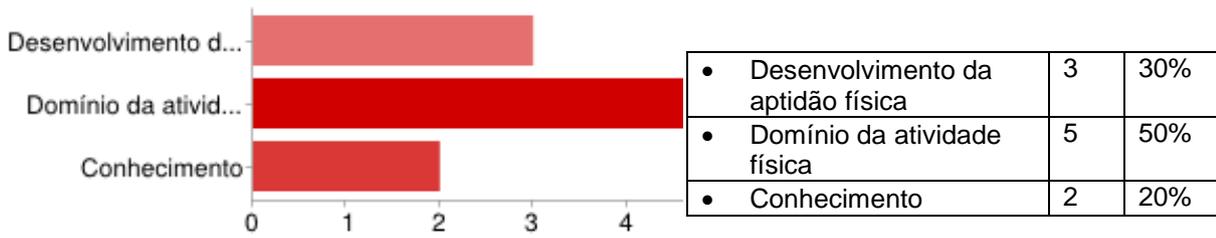


Fig. 27

3.º CEB (Educação Visual)

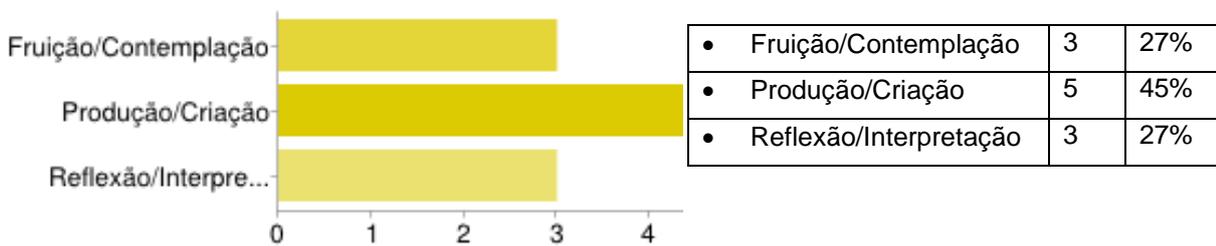


Fig. 28

3.º CEB (Ed. Tecnológica)

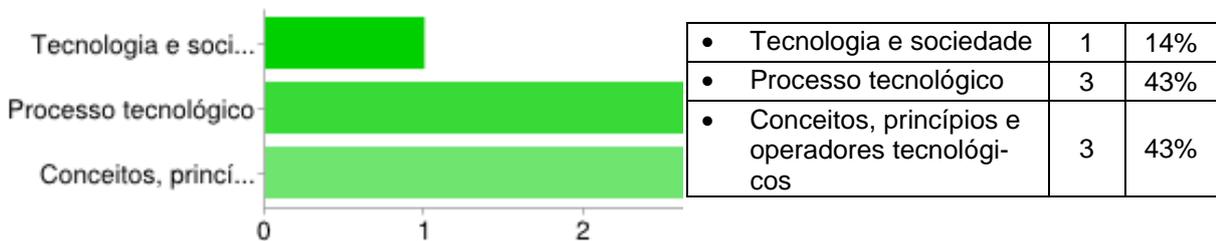


Fig. 29

3.º CEB (TIC)

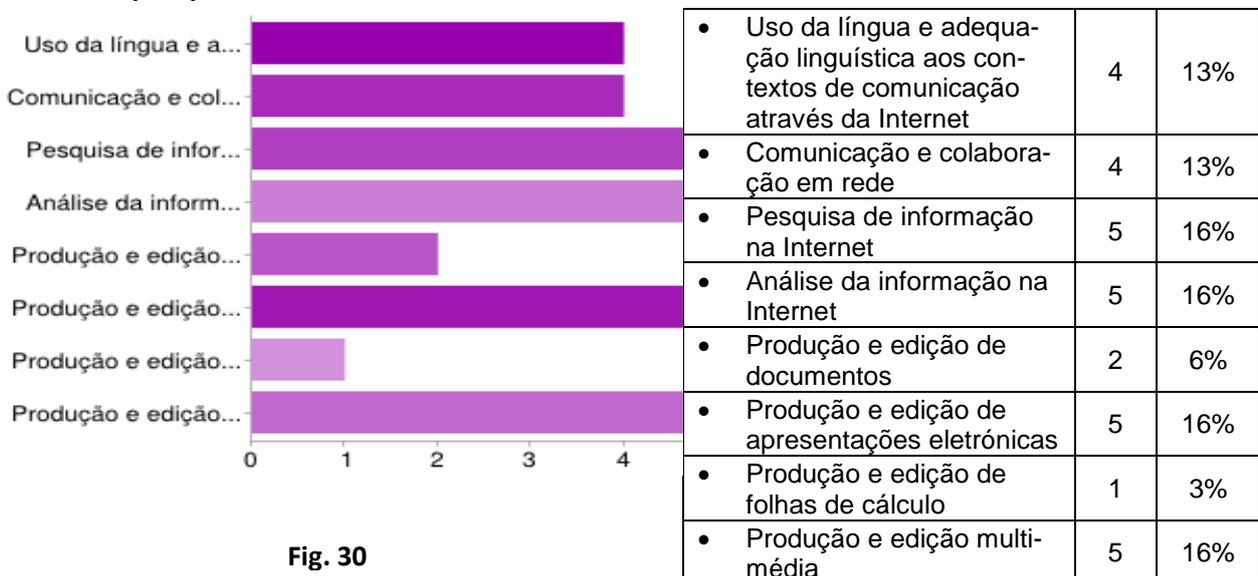


Fig. 30

2º/3.º CEB (E.M.R.C.)

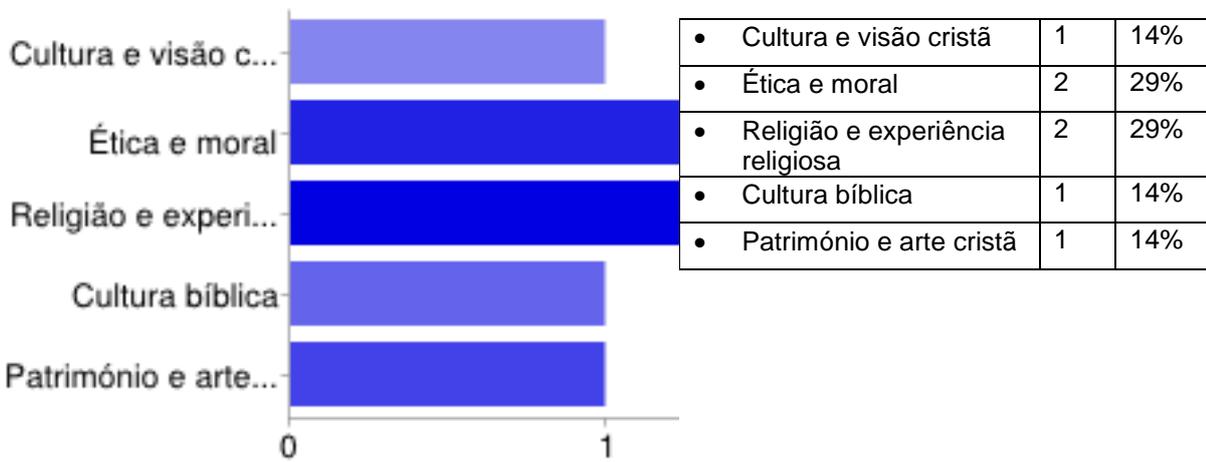


Fig. 31

Que instrumentos de trabalho considera essenciais para apoiar a avaliação desta metodologia?

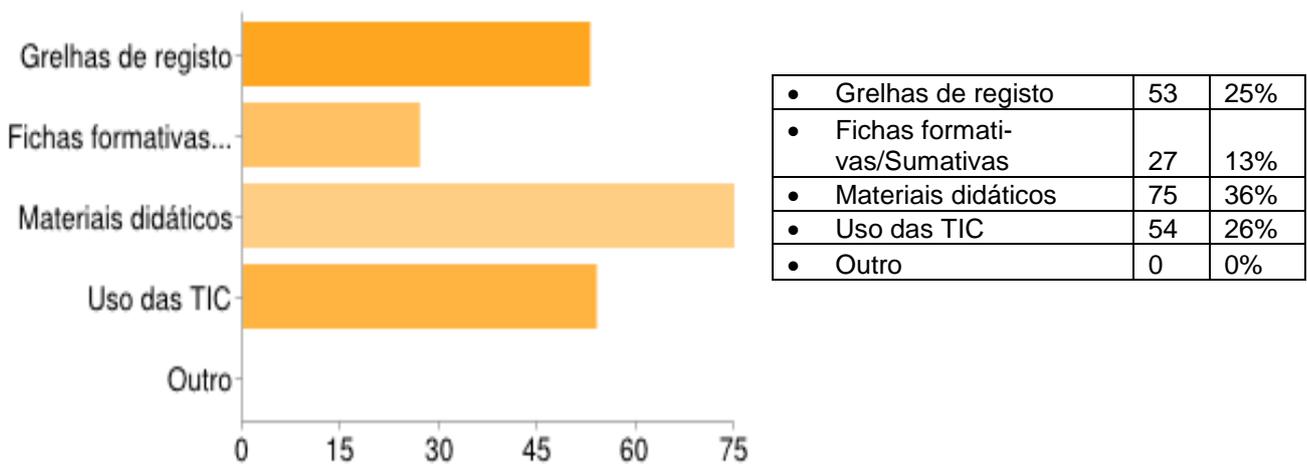


Fig. 32

A supervisão pedagógica terá vantagens significativas no processo ensino aprendizagem?

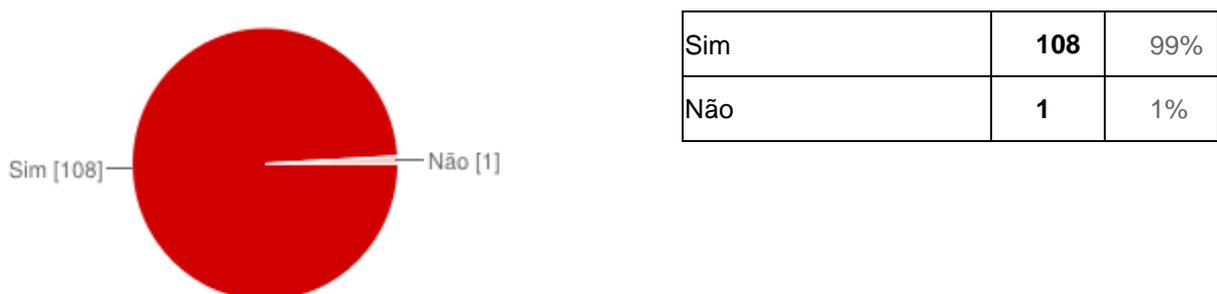


Fig. 33

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, quais as vantagens que considera pertinentes?

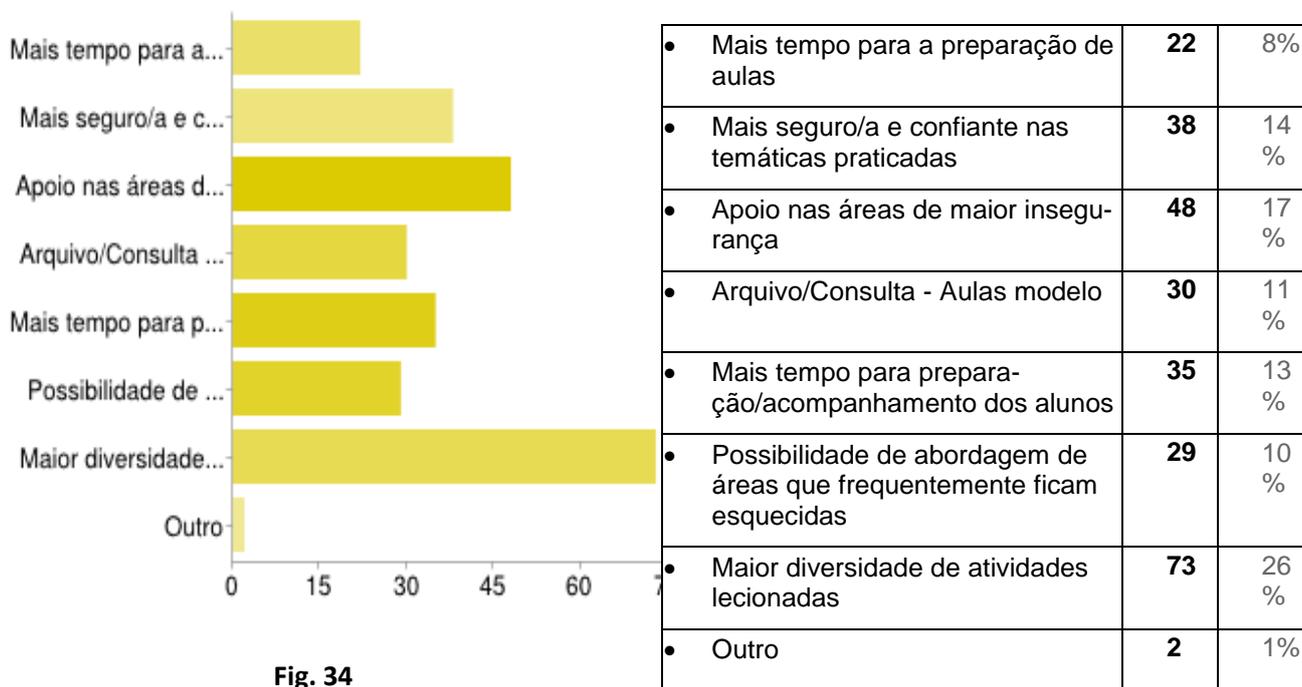


Fig. 34

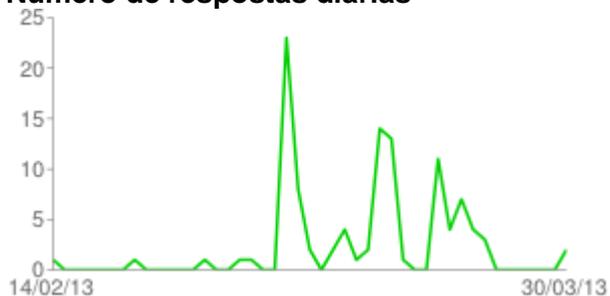
Se respondeu negativamente à questão anterior, indique algumas desvantagens

- O facto de estar um elemento estranho na sala de aula. O ambiente de sala de aula é diferente e prejudica o normal funcionamento da mesma. Cria um estado de ansiedade e mal estar nos docentes.

Outros comentários ou sugestões:

- Considero a partilha ativa em contexto sala de aula uma mais valia para o sucesso da aprendizagem dos alunos e uma positiva possibilidade de "bem-estar" como professor.

Número de respostas diárias



Responderam a este inquérito 110 docentes de um total de 177.

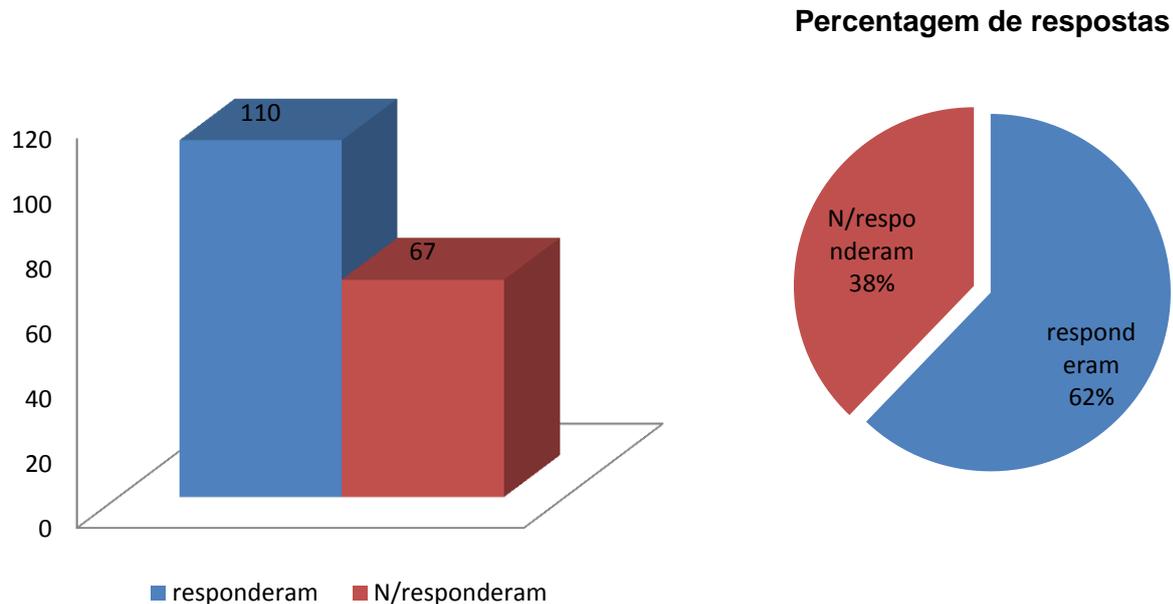


Fig. 35

Fig. 36

Análise/Reflexão

Relativamente à análise dos dados resultantes deste inquérito chegámos com agrado às seguintes conclusões:

Que os docentes deram uma aquiescência cabal à questão da supervisão, como crucial para o melhoramento das práticas pedagógicas e logicamente, dos resultados escolares.

Num universo de 110 docentes que responderam a este inquérito, apenas 1, referiu não haver vantagens significativas no processo ensino aprendizagem, tendo 99% achado vantajosa, como atesta a *fig.33*.

Relativamente à questão colocada - **“O que entende por supervisão pedagógica?”** *fig.4*, 52 docentes num total de 44%, assinalaram ser: **uma metodologia de trabalho cujo enfoque é ajudar os professores a desenvolver processos de ensino, através de abordagens interativas e cooperativas, cuja finalidade está associada ao melhoramento e eficácia do ensino;** 51 docentes num total de 44%, sinalizaram-na como: **um processo de acompanhamento e de avaliação sistemáticos da prática pedagógica dos docentes através de procedimentos que favorecem a experimentação e a reflexão, tendo em vista uma gradual competência pedagógica, assim como, o desenvolvimento profissional** e 14 docentes num total de 12%, deram outra res-

posta, ora convém salientar a expressão desse contexto numa lógica limitada e redutora daquela metodologia. Mais de um em cada dez docentes não vislumbra nessa filosofia de supervisão mais que um simples mecanismo de controlo e verificação, num processo exterior ao próprio processo ensino aprendizagem ou então, assente numa lógica de assistência por parte de docentes mais experientes que ele próprio. Perante isto, podemos concluir, que no conjunto das duas opiniões similares percentualmente, está a verdadeira resposta do que deve ser a supervisão em contexto escolar, a qual, visa primeiramente, ajudar e desenvolver estratégias pedagógicas partilhadas, desenvolvendo e favorecendo a experimentação e reflexão de e sobre práticas.

No que concerne à questão: **“Considera que uma partilha de práticas pedagógicas beneficia a aprendizagem na sala de aula?”** fig.5, sobressai a expressão inequívoca do interesse da partilha das práticas pedagógicas. Todo o universo interrogado expressa esse interesse, 100 professores responderam que sim, correspondendo a 93% dos docentes; 8 docentes manifestaram alguma indecisão, optando pela resposta talvez, perfazendo uma percentagem de 7%, demonstrando que ainda não estão plenamente convencidos do interesse de tal procedimento e 2 docentes não responderam à questão. Ora perante este cenário verifica-se que os docentes estão abertos e conscientes de que a partilha de práticas é a melhor forma de se conseguir o sucesso escolar. Esta opinião acaba por ser reforçada na questão seguinte, fig.6, em que 91% dos docentes se mostraram interessados em participar num contexto reflexivo/informativo de partilha (99 docentes) e apenas 9% (10 docentes), não se mostraram interessados. Destes últimos, fig.7, 4 docentes, afirmam que o seu não se justifica pelo facto de: impor uma mudança radical de trabalho/metodologia; 2 receiam assumir novas iniciativas; 1 diz não se sentir preparado para partilhar a sala de aula e 2 deram outra resposta. Nenhum afirmou não gostar de partilhar, o que pode revelar que estes docentes estão isolados ainda de um sistema em que todos devem dar as mãos, serem solidários e logicamente, encarar o ensino como um caminho que se faz caminhando passo a passo e que nunca pode ser um processo solitário, correndo-se o risco de podermos perder o rumo. Até porque, como sabemos, verdadeiro sábio, é aquele que consegue aprender com os outros, melhorar o que aprendeu e sem receios partilha esse legado, para que assim, o seu processo de enriquecimento, se possa tornar cada vez mais perfeito com o contributo de todos, como um verdadeiro jogo de equipa. Saliente-se o receio da mudança, do desconhecido, a preferência pela manutenção do “status quo”, a resistência à inovação e desenvolvimento profissional.

Quanto à questão: **“Quais os instrumentos de trabalho que considera essenciais para apoiar a avaliação desta metodologia?”**fig.32. Eles foram elencados pela seguinte ordem: materiais didáticos 36%, uso das TIC 26%, grelhas de registo 25% e fichas formativas/sumativas 13%. Verifica-se que em último aparecem as fichas formati-

vas e sumativas, o que não pode deixar de ser algo a refletir atendendo a que o treino e a repetição é algo importante neste processo.

5. Implementação e monitorização da prática letiva

O acompanhamento em ação dos professores na sala de aula não é comum no nosso país. No entanto, tem sido implementado noutras sistemas educativos de forma regular e associando-se a uma estratégia que reforça a função do professor enquanto promotor do sucesso, desenvolvendo as suas competências pedagógicas.

Este Projeto de escola recorre a referentes externos que lhe conferem legitimidade normativa/conceptual e invoca referentes internos que legitimam a ação deste dispositivo educativo, respeitando a identidade do Agrupamento.

Os documentos orientadores apelam a uma corresponsabilidade dos docentes enquanto estratégia da construção conjunta de um sentido a atribuir ao serviço educativo que a escola consagra, assegurando um leque de metodologias centradas na realidade experiencial da sua vivência escolar.

5.1. Grupos de trabalho

O **Plano de Melhoria do AVEPF**, foi elaborado em resultado da Avaliação Interna e do Relatório da Avaliação Externa da IGEC (Inspeção Geral da Educação e Ciência). Segundo este último **duas das áreas** onde o Agrupamento deve incidir prioritariamente os seus esforços são: **a melhoria dos resultados dos alunos na avaliação interna e na avaliação externa** e a **consolidação do dispositivo de orientação acompanhada da prática letiva a integrar nos mecanismos de acompanhamento e supervisão dos diferentes departamentos**. A equipa deste Projeto depreende que todos os docentes do Agrupamento de Escola podem participar numa Oficina, em modalidade de formação contínua acreditada, cujos objetivos estão reportados no ponto 5.2 e com a duração de até 50 horas (funcionando por disciplina e por ciclo).

Pela sua natureza, a modalidade desta Oficina ajusta-se predominantemente à Prática e Investigação Pedagógica e Didática nos diferentes domínios da docência. A sua calendarização será semanal e equivalente a dois tempos.

Todos os grupos deverão desenvolver metodologias de trabalho de carácter colaborativo e reflexivo, podendo, por exemplo, utilizar as propostas deste Projeto descritas no **ponto 6**.

Reforça-se o cariz não avaliativo deste **Projeto**, portanto **dissociado da Avaliação do Desempenho Docente**, enquanto processo de avaliação profissional.

5.2. Objetivos

Ao ser parte integrante de uma comunidade de aprendizagem reduz-se o tradicional isolamento dos docentes e desenvolve-se o compromisso com a missão e as metas do Agrupamento. Uma ação partilhada possibilita tratar e estudar temas e problemas em comum aumentando a interação entre os seus intervenientes, sendo a qualidade das aprendizagens dos nossos alunos e respetivos índices de sucesso primordiais, assume-se como **objetivo do Projeto**, promover a qualidade na educação, tendo como intenção as seguintes ações:

- Promover um ambiente enriquecedor e de cooperação mútua;
- Permitir que os docentes exponham/apresentem as suas melhores práticas;
- Recorrer a perspetivas múltiplas;
- Articular a necessidade de aprendizagem;
- Criar um arquivo de consulta (ver ponto 6.1);
- Partilhar a solução com o grupo;
- Melhorar os resultados escolares dos alunos e a qualidade das aprendizagens.

5.3. Plano de Ação – Proposta

No ano letivo 2013/2014, a implementação e o desenvolvimento do Projeto, resultará das deliberações das Estruturas de Gestão. Os resultados serão analisados e debatidos, de modo a obterem-se sugestões coletivas para a introdução de ajustamentos necessários, conseguindo em simultâneo, validar a sua eficácia e utilidade.

Calendarização	Atividades	Instrumentos	Elementos responsáveis/participantes
Setembro/outubro 2013	Reunião da Estrutura Interdepartamental	- Relatórios (1ª fase e 2ª fase) da Equipa de Supervisão Pedagógica 2012/2013	Coordenadores de Departamento/Ano e Subcoordenadores.
Setembro 2013	Palestra subordinada ao tema Supervisão Pedagógica	- De acordo com o orador convidado.	Coordenadores de Departamento/Ano/Subcoordenadores/ Docentes que participam no Projeto.
Setembro-2013	Formação das equipas do Projeto: <i>“Comunidades de partilha: orientação da prática letiva.”</i>	- Atas do Conselho Pedagógico/ de Grupo/ Ano/ Atas da Estrutura Interdepartamental	Coordenadores de Departamento/Ano e Subcoordenadores/ Docentes que participam no Projeto.
Ao longo do 1º período 2013/2014	Desenvolvimento de um plano de trabalho (Oficina de Formação) pelas equipas do Projeto, tendo como referência, entre outros, os trabalhos da Equipa de Supervisão Pedagógica 2012/2013 (ver pontos 6.1 e 6.2)	- Dossier dos sumários/registos de presença de docentes, relativo aos dois tempos comuns e semanais, previstos no ponto 5.1.	Coordenadores de Departamento/Ano/Subcoordenadores/ Docentes que participam no Projeto

Calendarização	Atividades	Instrumentos	Elementos responsáveis/participantes
Ao longo do 1º período 2013/2014	<ul style="list-style-type: none"> Elaboração de um modelo de relatório do Projeto <i>Comunidades de Partilha: orientação da prática letiva</i>. 	Documento âncora	Coordenadores de Departamento/Ano e Subcoordenadores
Março/abril 2014	<ul style="list-style-type: none"> Divulgação dos planos de trabalho implementados pelas equipas de docentes dos diversos departamentos junto da comunidade educativa. 	<ul style="list-style-type: none"> Relatórios a apresentar em Conselho Pedagógico; Apresentação do arquivo de partilha elaborado pelas diversas equipas do Projeto. 	Docentes que participam no Projeto.
Ao longo do 3º período 2013/2014	<ul style="list-style-type: none"> Conclusão dos planos de trabalho implementados pelas equipas de docentes dos diversos departamentos na Oficina de Formação. 	<ul style="list-style-type: none"> Relatórios finais de boas práticas a apresentar em Conselho Pedagógico, de modo a divulgá-las aos pares. 	Coordenadores de Departamento/Ano e Subcoordenadores Docentes que participam no Projeto

O processo de produção e seleção de documentos e materiais resultantes da **Oficina de Formação** vai permitir ao professor refletir sobre a sua forma pessoal de ensino, dando respostas a questões tipo: Por que ensina? Como ensina? Por que o faz dessa maneira?

Será também uma forma de aferir necessidades de formação intra-pares e formativas.

A equipa do Projeto sugere a análise dos seguintes tópicos:

- discussão sobre as aprendizagens dos alunos;
- análise comparativa das discrepâncias ao nível da avaliação externa entre os três ciclos de ensino;
- reflexão sobre a prática docente;
- preparação de aulas em conjunto;
- preparação de instrumentos de avaliação;
- preparação de atividades de Complemento Curricular;
- formação intra-pares.

6. Estratégias de Supervisão Pedagógica: princípios e operacionalização

Na tabela seguinte sintetiza-se alguns **modelos** que se podem adotar nas práticas de uma comunidade de partilha.

ESTRATÉGIAS	FORMAS DE REGISTO/ RECOLHA DE INFORMAÇÃO	PRINCÍPIOS DE SUPERVISÃO	PARTICIPANTES (ATORES DA SUPERVISÃO)
Autoquestionamento/autoavaliação	Questionários/Guiões/Registos reflexivos	Indagação crítica	Formador Supervisor
Diálogo reflexivo	Registos reflexivos		
Análise documental	Grelhas/Guiões	Intervenção crítica	Formando Professor
Inquérito	Questionário/entrevista		
Observação de aulas	Grelhas/ Registos reflexivos	Democraticidade	Alunos
Narrativas profissionais	Registos reflexivos	Dialogicidade	
Portefólio de ensino	Documentos da prática/ Registos reflexivos	Participação Emancipação	Outros colaboradores
Investigação/Ação	Todos os anteriores		

Fonte: Cadernos do CCAP – 1 (Vieira, 2011)

Todos estes modelos se completam uma vez que cada um apresenta dinâmicas diferentes. Pretendemos dissociar estas “Comunidades de Partilha” do conceito tradicional de “Supervisão”, procurando-se a **reconstrução de práticas pedagógicas**, de **modelos de planificação** e a **redefinição de objetivos de ensino aprendizagem**.

Assim, é de máxima importância a partilha de experiências, a colaboração, a tomada de decisões coletivas e a comparação de práticas colaborativas entre docentes. De acordo com os objetivos apresentados no **ponto 5.2** deste Projeto, propõe-se que as comunidades de partilha em ação ponham em curso as seguintes estratégias:

- organização de um Portefólio de Ensino;
- organização de um Dossier de Estudo;
- orientação acompanhada da prática letiva.

6.1. Portefólio de Ensino e Dossier de Estudo

Se quisermos compreender e dar resposta às necessidades educativas atuais, temos de responder com uma ação didática coerente, informada e atualizada.

O conceito de **“Portefólio de Ensino” (1)** concebe a elaboração de **materiais de apoio** e de **aulas modelo** onde os professores possam recorrer de forma a facilitar a sua prática pedagógica.

O conceito de “**Dossier de Estudo**” (2) concebe a **elaboração de resumos de** todas as matérias lecionadas, onde os professores e alunos possam recorrer de forma a facilitar o trabalho de sala de aula.

Proposta:

O “Portefólio de Ensino” deve conter os seguintes elementos:

- Capa de argolas, modelo A4, com separadores;
- Índice;
- Estrutura do Portefólio
- Relatórios (ver 5.3)

Portefólio de Ensino (1)

(Proposta de Índice)

<p>A capa do portefólio deverá ter os seguintes elementos:</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificação da Escola 2. Identificação do Grupo de Disciplina/ Ano 3. Ano letivo
<p>Índice: a) Áreas Temáticas</p>	<p>A desenvolver em trabalho de grupo.</p>
<p>b) Material a usar na prática docente (sugestões)</p>	<p>A desenvolver em trabalho de grupo.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Planificações de unidades didáticas 2- Planos de Aula 3- Fichas formativas e de avaliação 4- Exemplos de adaptação do ensino às necessidades individuais (alunos NEE) 5- Documentos âncora: <ul style="list-style-type: none"> - Grelhas de Registo - Relatórios - Aulas Modelo - Calendarização das aulas em co-observação ou assessoria (ver ponto 6.2) 6- Materiais diversos (por exemplo, elaboração de estudos ou pareceres sobre programas, métodos de ensino e de avaliação; análise de necessidades de formação dos professores)
<p>c) Registo de utilização do portefólio* * Opcional</p>	<p>Nome do docente Data</p>

Observação: Criar Suporte Informático dos pontos a) e b)

Dossier de Estudo (2)

(Proposta de Índice)

<p>A capa do dossier de estudo deverá ter os seguintes elementos</p>	<p>1- Ano de Escolaridade 2- Identificação do Grupo de Disciplina/ ano 3- Ano letivo</p>
<p>Índice: a) Áreas Temáticas</p>	<p>A desenvolver em trabalho de grupo</p>
<p>b) Conteúdos lecionados</p>	<p>A desenvolver em trabalho de grupo - Resumos</p>
<p>c) Registo de utilização do dossier de estudo* *Opcional</p>	<p>Nome do docente Data</p>

Princípios:

- Pretende-se uma aprendizagem coletiva que se constrói sobre experiências comuns e práticas de ensino que os professores partilham;
- Deve sobressair: um diálogo reflexivo sobre práticas de colaboração; a tomada de decisões partilhada; o ensino e a planificação em equipa;
- Os professores escolhem trabalhar e aprender a pares.

Operacionalização:

- Formação de um grupo de ação/comunidades de trabalho – docentes voluntários;
- Organização e promoção de atividades cooperativas de aprendizagem;
- Reuniões semanais, em horário comum, para elaboração de materiais pedagógicos/didáticos - programa de aprendizagem contínua e reflexão acerca das melhores práticas a seguir de acordo com os temas.

Em suma, e segundo a perspetiva de Sá-Chaves (1998), a equipa deste Projeto interpreta a sugestão de elaboração do Portefólio de Ensino e do Dossier de Estudo, em reuniões semanais de docentes do mesmo grupo disciplinar, como **“instrumentos de estimulação do pensamento reflexivo, providenciando oportunidades para docu-**

mentar, registar e estruturar os procedimentos e a própria aprendizagem”, proporcionando evidências de um conhecimento construído na prática e alicerçado em contextos colaborativos e reflexivos.

6.2. Orientação acompanhada da prática letiva

O relatório da avaliação externa da IGEC (maio de 2012) aferiu que, **“A consolidação do dispositivo de orientação acompanhada da prática letiva a integrar nos mecanismos de acompanhamento e supervisão dos diferentes departamentos”** deverá ser uma das áreas a ter especial atenção.

De acordo com as competências e recursos a estabelecer pelo contrato de autonomia deste Agrupamento, o Projeto, considera também, primordial o papel ativo da orientação acompanhada da prática letiva, em contexto de sala de aula, na promoção do sucesso educativo. O **trabalho colaborativo** permitirá discutir e refletir sobre metodologias, estratégias de ensino, experiências partilhadas e criação de materiais pedagógicos/didáticos, de forma concertada e facilitadora, desenvolvendo espaços próprios, para a (re) construção do conhecimento profissional e oportunidades de co-formação, não esquecendo a importância da sala de aula enquanto espaço central da ação pedagógica.

Sendo de todo importante promover e institucionalizar a monitorização sistemática da prática pedagógica, recomendam-se dois modelos, através de procedimentos de **co-observação** ou de **assessoria**, que permitam experimentação conjunta de caráter ativo/reflexivo. Sublinhe-se que **não constituem estratégias de avaliação do professor, mas sim de regulação colaborativa de práticas, no sentido da melhoria da sua qualidade, e dos resultados escolares, internos e externos.**

Os modelos supracitados podem ser implementados nos seguintes pressupostos:

Grupos de trabalho:

De acordo com os docentes dos grupos de trabalho propostos no ponto 5.1 do Projeto, sugere-se a formação de pares, sendo sua a escolha do colega, com quem desenvolverá os modelos de **co-observação** ou de **assessoria**.

O número de aulas de partilha, e respetiva calendarização com registo no Portefólio de Ensino, será estipulado no início do ano letivo.

Momentos:

- 1º- Planificação coparticipada da aula (**anexo 2**);
- 2º- Co-observação e/ou partilha da aula (assessoria) – (**anexo 6**);
- 3º - Reflexão conjunta-(**anexos 3; 4, 5**).

Operando a um “nível micro” (a sala de aula), considera-se que os modelos de acompanhamento/monitorização da prática letiva propostos deverão proporcionar o de-

envolvimento profissional dos docentes e a melhoria das aprendizagens dos alunos do AVEPF.

7. Considerações finais

As **comunidades de partilha/aprendizagem** são grupos de pessoas com objetivos comuns, desenvolvendo continuamente modos mais efetivos e eficientes de o conseguir.

O Projeto debruça-se sobre este problema na expectativa de encontrar respostas a algumas questões preocupantes neste processo, tendo-nos parecido ser a partilha real um bom ponto de partida como contributo para a melhoria do ensino aprendizagem.

No desenvolvimento do mesmo foi possível aferir que uma percentagem elevada de docentes acha pertinente esta ação e estão disponíveis para a sua concretização, como atestam os resultados do questionário feito aos docentes do AVEPF, realizado em março de 2013.

A construção/compilação de materiais pedagógico/didáticos, resultante da **Oficina de Formação** proposta no ponto 5.1, vai facilitar aos educadores/professores aderentes uma maior possibilidade de bem-estar na sua prática pedagógica, servindo não só como consulta, mas também como meio a utilizar em contexto de sala de aula.

Assim, o Projeto **“Comunidades de Partilha: Orientação da Prática Letiva”** pretende que as relações de trabalho constituam um ensino/aprender de todos os envolvidos, valorizando-se o trabalho em equipa, privilegiando espaços que favoreçam a construção de um saber pedagógico como resultado da interação entre os saberes já adquiridos e o questionamento, provocado pela vivência dos problemas profissionais contextualizados. Com base nestes pressupostos, todos os gestores intermédios do AVEPF deverão funcionar como despoletadores de processos de mudança, inovação e melhoria do processo educativo.

Segundo Westheimer (2008): *“Conceber a Escola como tarefa coletiva é transformá-la num lugar onde se analisa, discute e reflete, em conjunto, sobre o que está a acontecer e sobre o que se pretende alcançar. **É partilhada a convicção de que se as pessoas trabalharem em conjunto, todos podem aprender uns com os outros, podem partilhar as realizações profissionais e pessoais e também as dificuldades e problemas existentes no ensino. Assim, a colaboração entre colegas, o escutar e partilhar de experiências podem apresentar uma via privilegiada para alcançar uma comunidade de aprendizagem profissional.**”*

Paços de Ferreira, 04 de junho de 2013

A Equipa de Supervisão Pedagógica,

Anabela Tomé - Docente Coordenadora do Projeto

Avelino Resende

Carla Leal

Sílvia Santos

Jorge Pinto – Apoio técnico

8. Bibliografia

- ALARCÃO, I. (2001). *Escola reflexiva e supervisão*. Porto: Porto Editora.
- ALARCÃO, I. (2003). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora.
- ALARCÃO, I. e TAVARES, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica. Uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- BIZARRO, R.; MOREIRA, M. A.; (2010). *Supervisão Pedagógica e Educação em Línguas*. Edições Pedagogo, LDA.
- DURÃO, R. (2010). *Mestrado em Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica*. Escola Superior de Educação João de Deus.
- ELMORE, R.F. (2010). *Mejorando la escuela desde la sala de clases*. Santiago de Chile: Fundación Chile. Área de Educación.
- MACHADO, E. A.; ALVES, M. P.; GONÇALVES, F.R. (2011). *Observar e Avaliar as Práticas Docentes*. De Facto Editores.
- MCLAUGHLIN, M.W. (2003). *El desarrollo profesional de los maestros. Nuevas estrategias y políticas de apoyo*. México: Secretaría de Educación Pública.
- NCTM (2007). *Princípios e Normas para a Matemática Escolar*. Lisboa. APM.
- NOLAN, J. & HOOVER, L. (2005). *Teacher Supervision and Evaluation: Theory into Practice*. Hoboken, NJ: Wiley/Jossey-Bass.
- OLIVEIRA, MARIA CRISTINA; Tese de Mestrado, Educação (Supervisão e orientação da Prática Profissional) - “As aulas de assessoria em matemática: uma estratégia do Plano da Matemática”. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, 2009.
- PONTE, J. P.; SERRAZINA, L.; GUIMARÃES, H. M.; BREDA, A.; OLIVEIRA, P. A. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa. Ministério da Educação, DGIDC.
- SÁ-CHAVES, I. (1998). “Porta-fólios. No fluir das concepções, das metodologias e dos instrumentos.” In L. S. Almeida e J. Tavares (org). *Conhecer, Aprender, Avaliar*. Porto: Porto Editora.
- VIEIRA, F. (1993). *Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições Asa.
- VIEIRA, F.; MOREIRA, M. A.; (2011). *Supervisão e Avaliação do Desempenho Docente: para uma abordagem de orientação transformadora*. Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores.
- WESTHEIMER, J. (2008). *Learning Among Colleagues: Teacher Community and the Shared Enterprise of Education*. VA: Association of Teacher Educators; Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

9. Legislação

- Decreto-Lei n.º 344/89, de 11 de outubro.
- Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, alterada pelas Leis n.ºs 49/2005 de 30 de agosto, e 85/2009, de 27 de agosto.
- Decreto -Lei n.º 75/2008, de 22 de abril.
- Decreto -Lei n.º 137/2012, de 2 de julho.
- Decreto -Lei n.º 139/2012, de 5 de julho.
- Portaria nº 266/2012 de 30 de Agosto.
- Despacho normativo nº 7/2013 de 11 de junho.

10. Anexos

Anexo 1 – Questionário aos docentes do AVEPF

Agrupamento Vertical de Escolas de Paços de Ferreira

Ciclo de ensino *

- Pré-Escolar
- 1º CEB
- 2º CEB
- 3º CEB

Ano/anos que leciona *

- Pré-escolar
- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano
- 4º ano
- 5º ano
- 6º ano
- 7º ano
- 8º ano
- 9º ano
- Educação Especial
- Apoio Educativo
- Outro:

Disciplina(s) que leciona

- C.Natureza
- Estudo do Meio
- Ed. Moral Religiosa Católica
- Ed. Visual 2.º CEB
- Ed. Visual 3.º CEB
- Ed. Tecnológica 2º CEB
- Ed. Física
- Hist. Geografia de Portugal
- Inglês
- Matemática

- Português
- Ciências Físico Químicas
- História
- Geografia
- Ciências Naturais
- TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação
- Francês
- Educação Musical

O que entende por supervisão pedagógica? *

- Metodologia de inspeção, em que os professores são vistos como "instrumentos" que devem ser supervisionados, para assegurar que cumprem determinados procedimentos, definidos pelo MEC e especialmente pelos supervisores.
- Metodologia de trabalho cujo enfoque é ajudar os professores a desenvolverem processos de ensino através de abordagens interativas e cooperativas, cuja finalidade está associada ao melhoramento e eficácia do ensino.
- Tarefa que certos profissionais mais experientes desempenham de: orientar, aconselhar e avaliar os professores na sala de aula, estimulando-os a aperfeiçoar a sua ação educativa.
- Processo de acompanhamento e de avaliação sistemáticos da prática pedagógica dos docentes através de procedimentos que favorecem a experimentação e a reflexão, tendo em vista uma gradual competência pedagógica, assim como, o desenvolvimento profissional.

Considera que uma partilha de práticas pedagógicas beneficia a aprendizagem na sala de aula? *

- Sim
- Não
- Talvez

Estaria interessado/a em participar num contexto reflexivo/formativo de partilha? *

- Sim
- Não

Se respondeu não à questão anterior, selecione uma das opções.

- Impõe uma mudança radical de trabalho/metodologia
- Não se sente preparado/a para partilhar a sala de aula
- Receia assumir novas iniciativas
- Não gosta de partilhar
- Outro:

Áreas de partilha que considera essenciais.

Pré-Escolar

- Formação Pessoal e Social
- Conhecimento do Mundo
- Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)
- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
- Matemática
- Expressão Plástica
- Expressão Física
- Expressão Dramática
- Expressão Musical

1º CEB

- Português
- Matemática
- Estudo do Meio
- Expressão Plástica
- Expressão Física
- Expressão Musical
- Inglês

2º CEB

- Português
- Matemática
- Inglês
- Hist. Geografia de Portugal
- Ciências da Natureza
- Educação para a Cidadania
- Ed. Musical
- E.M.R.C.
- Ed. Visual
- Ed. Tecnológica
- Ed. Física

3º CEB

- Português
- Matemática

- Inglês
- História
- Ciências Naturais
- Francês
- E.M.R.C.
- Ed. Visual
- Ed. Tecnológica
- Ed. Física
- Físico-Química
- Geografia
- TIC

Selecione a(s) temática(s)/conteúdo(s) que gostaria de melhorar através de uma parceria pedagógica.

Pré-Escolar

- Formação Pessoal e Social
- Conhecimento do Mundo
- Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)
- Matemática
- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
- Expressão Dramática
- Expressão Física
- Expressão Musical
- Expressão Plástica

1.º CEB Português

- Compreensão e expressão oral
- Leitura
- Escrita
- Gramática

1.º CEB Matemática

- Números e operações
- Organização e tratamento de dados
- Geometria
- Álgebra

1.º CEB Estudo do Meio

- Localização no espaço e no tempo
- Conhecimento do meio natural e social
- Dinamismo das inter-relações natural e social

1.º CEB

- Expressão Plástica
- Expressão Física
- Expressão Musical
- Inglês

2.º/3º CEB Matemática

- Números e operações
- Organização e tratamento de dados
- Geometria
- Álgebra

2.º/3º CEB Português/Francês/Inglês

- Compreensão e expressão oral
- Leitura
- Escrita
- Gramática

2.º CEB Educação Visual/Educação Tecnológica

- Técnica
- Representação
- Discurso
- Projeto

2.º CEB Ciências da Natureza

- Onde existe vida
- Diversidade de animais e sua interação com o meio
- Diversidade de plantas e sua interação com o meio
- Unidade na diversidade dos seres vivos
- Materiais terrestres - Suportes de vida
- Trocas nutricionais entre o organismo dos animais e o meio
- Transporte de nutrientes e oxigénio até às células
- Energia para a atividade celular
- Trocas nutricionais entre as plantas e o meio
- Agressões do meio e integridade do organismo

2.º CEB História e Geografia de Portugal

- Península Ibérica - Dos primeiros povos à formação de Portugal (Séc. XII)
- Do século XIII à união ibérica e restauração (Séc. XVII)
- Do Portugal do séc. XVIII à consolidação da sociedade liberal
- Portugal no séc. XX
- Portugal nos dias de hoje: Sociedade e geografia humana

3.º CEB História

- Das sociedades recoletoras às primeiras civilizações
- A herança do Mediterrâneo Antigo
- A formação da Cristandade Ocidental e Expansão Islâmica
- Portugal no contexto europeu dos séculos XII a XIV
- Expansão e mudança no séc. XV e XVI
- Renascimento e reforma
- Portugal no contexto europeu dos séc. XVII e XVIII
- O arranque da revolução industrial e o triunfo das revoluções liberais
- A civilização industrial no séc. XIX
- A Europa e o mundo no limiar do séc. XX
- Da grande depressão à segunda guerra mundial
- Do segundo pós-guerra aos anos oitenta

3.º CEB Geografia

- A Terra: Estudos e Representações
- Meio Natural
- População e Povoamento
- Atividades Económicas
- Contrastes de Desenvolvimento
- Ambiente e Sociedade

3.º CEB Ciências Naturais

- Terra no espaço
- Terra em transformação
- Sustentabilidade na terra
- Viver melhor na terra

3.º CEB Físico Química

- A terra no espaço
- Transformações e materiais
- Reações químicas

- Som
- Luz
- Eletricidade e magnetismo
- Movimentos

2.º CEB Educação Musical

- Timbre
- Ritmo
- Altura
- Dinâmica
- Forma

2º./3º CEB Educação Física

- Desenvolvimento da aptidão física
- Domínio da atividade física
- Conhecimento

3.º CEB Educação Visual

- Fruição/Contemplação
- Produção/Criação
- Reflexão/Interpretação

3.º CEB E. Tecnológica

- Tecnologia e sociedade
- Processo tecnológico
- Conceitos, princípios e operadores tecnológicos

3.º CEB TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

- Uso da língua e adequação linguística aos contextos de comunicação através da Internet
- Comunicação e colaboração em rede
- Pesquisa de informação na Internet
- Análise da informação na Internet
- Produção e edição de documentos
- Produção e edição de apresentações eletrónicas
- Produção e edição de folhas de cálculo
- Produção e edição multimédia

2º/3.º CEB E. M. R. C.

- Cultura e visão cristã
- Ética e moral

- Religião e experiência religiosa
- Cultura bíblica
- Património e arte cristã

Que instrumentos de trabalho considera essenciais para apoiar a avaliação desta metodologia?

- Grelhas de registo
- Fichas formativas/Sumativas
- Materiais didáticos
- Uso das TIC
- Outro:

A supervisão pedagógica terá vantagens significativas no processo ensino aprendizagem? *

- Sim
- Não

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, quais as vantagens que considera pertinentes? *

- Mais tempo para a preparação de aulas
- Mais seguro/a e confiante nas temáticas praticadas
- Apoio nas áreas de maior insegurança
- Arquivo/Consulta - Aulas modelo
- Mais tempo para preparação/accompanhamento dos alunos
- Possibilidade de abordagem de áreas que frequentemente ficam esquecidas
- Maior diversidade de atividades lecionadas
- Outro:

Se respondeu negativamente à questão anterior, indique algumas desvantagens

Outros comentários ou sugestões:

Adicionar item

Após a página 1

Ir para a página 2 (Obrigado pela sua colaboração.)

Página 2 de 2

Obrigado pela sua colaboração.

A equipa de Supervisão Pedagógica:

Anabela Tomé, Avelino Resende, Carla Leal e Sílvia Santos.

Adicionar item

Página de Confirmação

Mensagem de confirmação



Mostrar link para enviar outra resposta

Publicar e apresentar um link para os resultados deste formulário

Permitir aos inquiridos editar as respostas após a submissão

Anexo 2 - Modelo de Plano de Aula

 AVEPF Escola Básica de Paços de Ferreira	Plano de Aula			
	Disciplina: _____ - ____ºAno Turma: _____			
	Nº de aula:	Data:	Hora:	Sala:

Unidade Didática	Conhecimentos Prévios
Objetivos	

Sumário

Desenvolvimento da aula	Material necessário

Aprendizagem complementar

Avaliação
<p>Avaliar a intervenção dos alunos ao longo da aula através, por exemplo, dos seguintes registos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • respeito pelas normas de trabalho e de convivência; • interesse / empenho; • cooperação no trabalho de grupo turma; • qualidade da participação oral; • qualidade da participação escrita; • capacidade de síntese e análise; • concretização da atividade.

Anexo 3 - Grelha de observação focada: conteúdo da aula

<i>Disciplina:</i>		<i>Ano:</i>		<i>N.º de alunos:</i>		<i>Hora:</i>	
<i>Observador:</i>				<i>Sala:</i>		<i>Data:</i>	
Indicadores e exemplos de evidências				Nada evidente	Algo evidente	Bem evidente	
1. O currículo e as metas de aprendizagem ocupam um lugar de destaque na planificação das aulas.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> Os objetivos das atividades propostas correspondem aos objetivos curriculares e às metas de aprendizagem definidas para essa disciplina e nível de ensino. Os objetivos curriculares e as metas de aprendizagem, a trabalhar com as atividades propostas na aula, são claramente definidos. 					
2. O professor evidencia conhecimento aprofundado dos conceitos e dos conteúdos da aula.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> O professor consegue identificar claramente os conceitos abordados intencionalmente nas atividades. As atividades e as estratégias educativas são concebidas de forma a proporcionarem a compreensão desses conceitos. O professor fornece informação correta e precisa. O professor formula questões que evidenciam conhecimento do tópico em questão. O professor encoraja os alunos a colocarem e a aprofundarem o conhecimento. 					
3. O professor recolhe e avalia evidências do progresso dos alunos para melhorar o ensino e a aprendizagem.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> A avaliação é sistemática de forma a permitir que o professor possa acompanhar o progresso dos alunos e ajustar o ensino. As conceções prévias dos alunos são identificadas e trabalhadas. Os critérios pré-definidos (e conhecidos dos alunos) são utilizados para avaliar a qualidade dos desempenhos dos alunos. As formas de avaliação são variadas e adequadas à avaliação de conhecimentos, capacidades e atitudes. Os alunos avaliam o seu próprio trabalho com recurso a critérios. 					
4. Os alunos estão intelectualmente envolvidos com os conceitos abordados nas atividades da aula.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> Os alunos estão envolvidos em conversas, com o professor e os seus colegas, sobre os conceitos abordados na aula. As respostas dos alunos evidenciam raciocínio sobre os conceitos abordados. 					
5. São estabelecidas ligações entre os conceitos abordados e outros conceitos, temas ou aplicações ao mundo real.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> O professor estabelece as ligações. As atividades e as discussões realizadas levam os alunos a estabelecer as ligações. As ligações efetuadas são utilizadas para aprofundar a compreensão dos conceitos. São dadas oportunidades aos alunos de aplicarem as novas aprendizagens ao mundo real. 					
6. Os alunos utilizam recursos eletrónicos para apoiar a aprendizagem.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> Os alunos realizam pesquisas colaborativas (por exemplo, na Web e em CD-ROM) no âmbito das atividades escolares. São desenvolvidas nos alunos as capacidades de análise crítica da informação obtida através de recursos eletrónicos. Os alunos evidenciam a capacidade de distinguirem factos de opiniões e de avaliarem o grau de confiança das fontes de informação. O professor e os alunos selecionam as ferramentas tecnológicas adequadas e cada tarefa. 					

Anexo 4 - Grelha de observação focada: dinamização da aula.

<i>Disciplina:</i>		<i>Ano:</i>		<i>N.º de alunos:</i>		<i>Hora:</i>	
<i>Observador:</i>				<i>Sala:</i>		<i>Data:</i>	
Indicadores e exemplos de evidências				Nada evidente	Algo evidente	Bem evidente	
1. O professor evidencia confiança como facilitador da aprendizagem.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> Fala fluentemente e em profundidade acerca dos conceitos. Permite que os alunos façam perguntas, podendo aprofundar o assunto, se necessário. Demonstra capacidade de adaptar a tarefa, se for necessário, para orientar ou aprofundar a aprendizagem dos alunos Apresenta-se como mais um aprendiz, indicando o que não sabe e mostrando satisfação quando aprende algo de novo. 					
2. As opções de ensino do professor são eficazes no envolvimento dos alunos numa aprendizagem ativa.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> Os alunos estão envolvidos e excitados na tentativa de obterem respostas para as perguntas colocadas no âmbito de uma atividade. Os objetivos são explicitados de forma clara. As atividades propostas permitem aos alunos alcançar os objetivos propostos. O professor não domina as discussões. As tarefas são desafiantes e o professor cria expectativas altas. O método expositivo e os métodos construtivistas são utilizados de acordo com os objetivos das actividades e as diferentes necessidades educativas. 					
3. Os alunos têm oportunidade de construir o seu próprio conhecimento.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> As tarefas investigativas constituem um elemento essencial da aula A curiosidade e a perseverança são encorajadas. Os alunos aplicam conhecimentos e capacidades a novas situações. Os alunos têm oportunidade de fazer mais do que seguir instruções: formulam as suas próprias questões, selecionam estratégias e/ou planeiam investigações. Os alunos manipulam materiais e equipamentos. 					
4. O ritmo da aula é adequado ao nível de desenvolvimento dos alunos e existe tempo para a conclusão da aula.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> Os alunos dispõem de tempo suficiente para se envolverem nas tarefas e praticarem novas capacidades. Depois de cada pergunta, o professor atribui tempo suficiente para que todos os alunos possam pensar nas respostas. É disponibilizado tempo suficiente para os alunos reverem, refletirem sobre o tema e exporem o que aprenderam, através de discussões, apresentações, redação de jornais ou de relatórios, etc. 					
5. Os períodos de interação aluno-aluno são produtivos e contribuem para a compreensão individual da lição.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> Os alunos têm oportunidades de colaborar, em pares e em pequenos grupos. O trabalho em grupo dos alunos é estruturado de forma a contribuir para uma maior compreensão; os objetivos são definidos de forma clara. As discussões dos alunos demonstram raciocínio e aprendizagem acerca dos conceitos abordados nas atividades. 					
6. Os alunos utilizam as tecnologias de informação e comunicação de forma eficiente e produtiva.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> Durante a aula ou unidade de ensino, os alunos utilizam diversos recursos, incluindo a Internet. Os alunos utilizam as tecnologias de informação e comunicação para selecionar e recolher informação necessária para as atividades escolares. Os alunos analisam e avaliam a informação recolhida. Os alunos comunicam informação relacionada com a escola e as aulas através do recurso a ferramentas eletrónicas (páginas Web, blogues, Wikis, etc.). 					

Anexo 5 - Grelha de observação focada: ambiente de sala de aula.

<i>Disciplina:</i>		<i>Ano:</i>		<i>N.º de alunos:</i>		<i>Hora:</i>	
<i>Observador:</i>		<i>Sala:</i>		<i>Data:</i>			
Indicadores e exemplos de evidências		Nada evidente	Algo evidente	Bem evidente			
1. A gestão da sala de aula maximiza as oportunidades de aprendizagem.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> • O professor mantém um nível de ordem e de atenção que facilita a aprendizagem. • Existe um ambiente de liberdade e flexibilidade dentro dessa ordem. • As normas da turma enfatizam a responsabilidade individual e coletiva. • As instruções são apresentadas claramente de forma a evitar confusão e perguntas constantes que interrompam as atividades. 					
2. As regras de funcionamento da turma são claras e consistentes.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> • Existem regras de funcionamento definidas de forma clara. • Existe um mínimo de comportamentos incorretos e de interrupções inapropriadas. • Os alunos seguem as regras de forma consistente. 					
3. O comportamento é respeitoso e adequado.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> • O professor controla a turma de forma preventiva e respeitosa • O professor controla os comportamentos incorretos de forma respeitosa e com um mínimo de perturbação. • Existem consequências bem definidas para determinados comportamentos e são aplicadas de forma consistente. • O ambiente da sala de aula é seguro, sem situações de <i>bullying</i> ou linguagem inadequada. 					
4. O professor mostra respeito pelas ideias, perguntas e contribuições dos alunos e trabalha colaborativamente com eles.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> • O professor estimula a participação de todos os alunos. • É disponibilizado tempo suficiente para a discussão. • O professor ouve atentamente as respostas dos alunos. • O professor aceita as ideias dos alunos sem as julgar e ajuda os alunos, com respeito, a ultrapassarem as suas ideias erradas • O professor apoia e estimula o trabalho individual e em grupo dos alunos. 					
5. Os alunos respeitam e valorizam as ideias, perguntas e contribuições dos seus colegas.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos partilham ideias e ouvem atentamente as ideias uns dos outros. • Nenhum aluno tenta dominar. • Os alunos discutem ideias alternativas. • Os alunos desafiam-se e questionam-se com respeito. • Os alunos coordenam esforços e partilham responsabilidades pelos resultados do grupo. 					
6. Todos os alunos têm acesso igual aos recursos educativos da sala de aula.							
Exemplos de evidências		<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos têm acesso igual à atenção do professor, aos materiais e às tecnologias de informação e comunicação. • O professor evidencia atenção a questões de género, etnia, necessidades educativas especiais e estatuto socioeconómico. • O professor encoraja os alunos mais reticentes e desencoraja o domínio de outros alunos. • O professor tem em conta as necessidades e as capacidades de cada aluno. • O professor reconhece as participações excepcionais e cria oportunidades para os alunos ultrapassarem as metas definidas. 					

Anexo 6 – Guião de organização/reflexão de aulas com assessoria²

Estrutura da aula:

- Como começa; quais as diferentes fases do seu desenvolvimento, duração e sequência; materiais pedagógicos/didáticos a utilizar.
- Como termina; que relações com a aula anterior e, se possível, com posteriores.

Tarefas propostas aos alunos:

- Natureza das tarefas: prática/consolidação de técnicas, de terminologia, de conceitos; resolução de problemas; realização de investigações.
- Tipo de atividades para que remetem: consolidação; exploração; formulação/verificação de conjecturas; demonstração.
- Metodologia de trabalho: individual; em díade; em grupo; toda a turma e o professor.
- Origem: elaborada pelo professor; retirada de manuais; sugerida pelos alunos.
- Grau de estruturação.
- Duração.
- Como são propostas: por escrito; oralmente.
- Objetivos previstos.
- Objetivos atingidos.
- Materiais de apoio: materiais manipuláveis; calculadora gráfica; computador; quadro interativo; escola virtual; outros.

Discurso:

- **Papel do professor titular da turma**
 - Modo afirmativo — expõe/explica conceitos e procedimentos; valida resultados ou raciocínios.
 - Modo interrogativo — questiona de forma não orientada; questiona de forma dirigida; pede esclarecimentos; solicita justificações; negocia sentidos.
 - Modo organizativo — gere conflitos; gere a participação dos alunos; intervém com intenção de controlar a disciplina; orienta o ritmo de aula; estabelece sequências de atividades; adequa no momento a sua planificação face a acontecimentos não previstos.
 - Momento de intervenção — intervém quando solicitado; por sua iniciativa.

² Adaptado de Maria Cristina Oliveira; Tese de Mestrado-2009

Papel do professor assessor

- Modo afirmativo — expõe/explica conceitos e procedimentos; valida resultados ou raciocínios.
- Modo interrogativo — questiona de forma não orientada; questiona de forma dirigida; pede esclarecimentos; solicita justificações; negocia sentidos.
- Modo organizativo — gere conflitos; gere a participação dos alunos; intervéem com intenção de controlar a disciplina; orienta o ritmo de aula; estabelece sequências de atividades; adequa no momento a sua planificação face a acontecimentos não previstos.

Papel do aluno

- Escuta; observa; coloca dúvidas; responde a questões; faz o que o professor titular manda; faz o que o professor assessor manda; desenvolve outras atividades diferentes do contexto de trabalho.
- Ajuda os colegas.
- Demonstra autonomia; revela dependência do professor, solicitando-o para as diversas tarefas propostas.
- Solicita o professor titular para validar resultados; solicita o professor assessor para validar resultados; valida resultados individualmente ou com os seus pares.

Ambiente

- Ritmo da aula: é dado tempo para os alunos realizarem as tarefas propostas.
- Grau de envolvimento dos alunos nas tarefas: empenhados; interessados; persistentes.
- Relação dos professores com os alunos: valorizam as ideias dos alunos; favorecem um ambiente onde errar é visto como natural; desafiam intelectualmente os alunos; dão-lhes reforços positivos; incentivam-nos.
- Relação dos alunos entre si: não existem conflitos relacionais; entrem-se; respeitam opiniões divergentes.

Reflexão sobre as aulas com assessoria

- Como decorreu a aula (uma impressão geral)? Grau de satisfação? Registrar a opinião do professor titular da turma e do professor assessor.
- Atingiram-se os objetivos pretendidos?
- Até que ponto foi uma aula típica? Em que se assemelha a outras? Em que se distingue?

- Por que motivos se tomou uma determinada ação ou opção? Quem já viu fazer dessa forma? Onde aprendeu?
- Próxima aula:
 - O que pretendem fazer?
 - Como será a dinâmica da aula?
 - A que aspetos pretendem dar maior atenção?
 - A que alunos pretendem dar mais atenção?